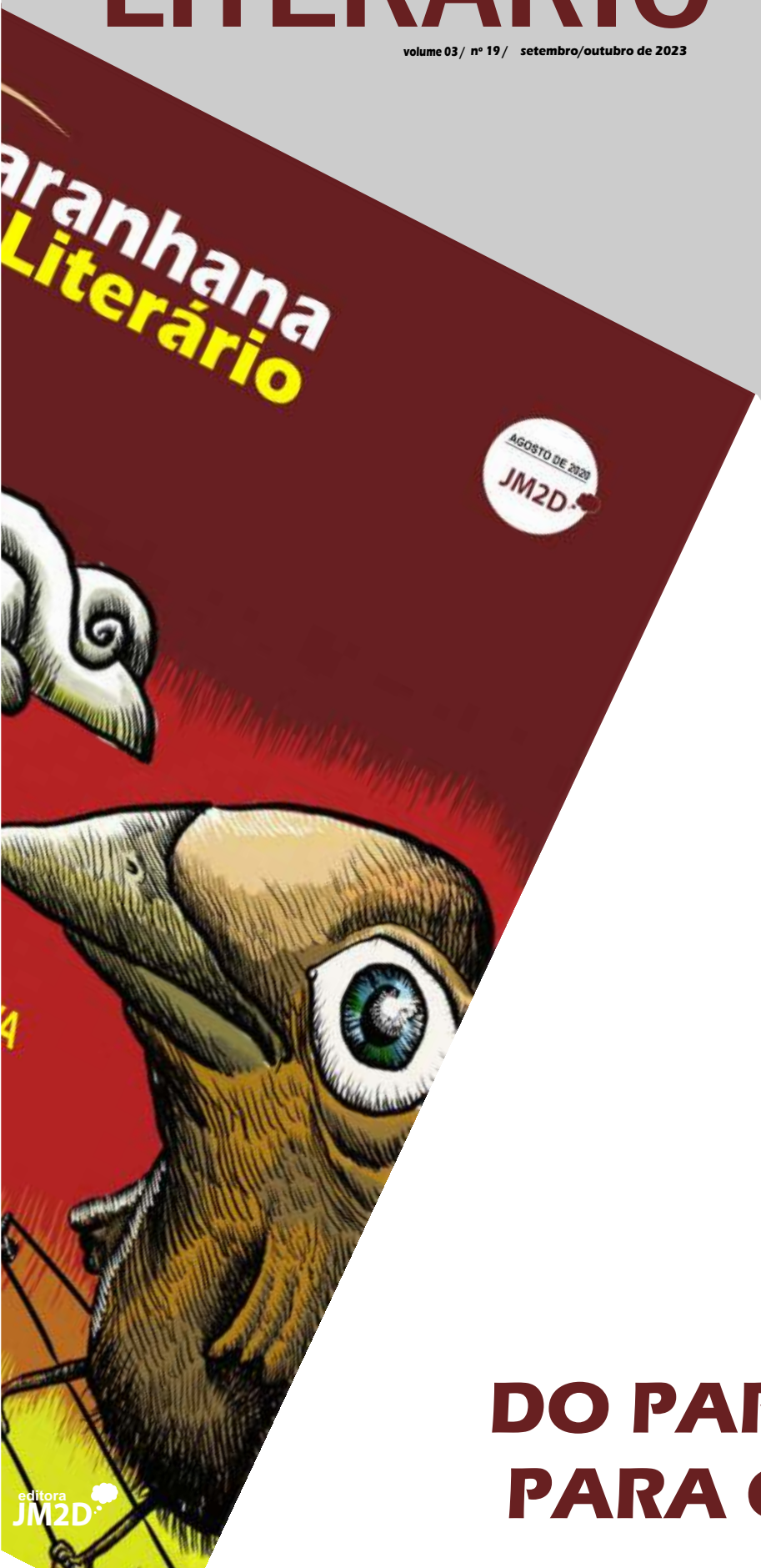
PARANHANA LITERÁRIO

volume 03 / nº 19 / setembro/outubro de 2023



1º LUGAR

Melhor
Projeto Cultural

TRÊS ANOS DE REVISTA

DO PARANHANA PARA O MUNDO

editora JM2D

Três anos de Paranhana Literário

Com essa edição celebramos o terceiro aniversário da revista Paranhana Literário. Três anos de dedicada paixão pela literatura, três anos de histórias que nos cativaram e, mais importante, três anos de compromisso com a promoção da diversidade literária e da cadeia produtiva do livro.

Desde o primeiro dia, nossa missão tem sido clara: abrir espaço para novos autores, vozes que muitas vezes permaneceriam desconhecidas e que através da Revista Paranhana Literário encontraram leitores. E desde aquela modesta e acanhada edição, em 20 de agosto de 2020 tem sido uma jornada incrível. A cada novo número, temos a honra de apresentar talentos emergentes, autores independentes cheios de promessas e experiências únicas. A alegria de descobrir novas vozes e compartilhá-las com nosso público é indescritível.

Em nossas páginas, vimos contos emocionantes, poemas envolventes, opiniões perspicazes e resenhas que iluminaram nossa compreensão da literatura. Vimos histórias que nos tocaram profundamente, que nos fizeram refletir, rir e chorar. A diversidade de estilos, temas e vozes que encontramos é uma prova viva da riqueza da literatura contemporânea e a prova de que estamos no caminho certo.

Além de proporcionar um espaço para autores, temos o orgulho de contribuir para a divulgação da cadeia produtiva do livro. Cada resenha, entrevista com autores de consagradas caminhadas, ou matéria sobre o processo de escrita e publicação é um passo na direção de um ambiente literário mais informado e engajado. Através de nossas páginas digitais, buscamos não apenas inspirar a leitura, mas também encorajar o diálogo sobre o processo de criação literária e o mercado editorial.

À medida que olhamos para o futuro, estamos mais comprometidos e empolgados do que nunca em nossa missão de divulgar o mundo literário e enriquecê-lo com novas vozes e ideias. Continuaremos a celebrar a literatura em todas as suas formas e a apoiar autores independentes ou iniciantes que desejam compartilhar suas paixões e perspectivas únicas com o mundo.

Agradecemos a vocês, leitores, autores e ativistas culturais, por fazerem parte desta jornada emocionante. Que os próximos anos de "Paranhana Literário" sejam ainda mais ricos em histórias inspiradoras, vozes talentosas e diálogos literários profundos.

ESCRITORES

*** Vol. 04 Nº 19**
setembro/outubro de 2023

* Paranhana Literário é uma publicação da Editora JM2D
Rua Clemente Heidrich, 37
Igrejinha/RS
Cep 95650-000

Email:
editor@jm2d.com.br

whatsapp:
(51)981368526

* Revista digital voltada para a publicação e divulgação da cultura e literatura brasileira produzida a partir do Vale do Paranhana

* Periodicidade bimestral

* Distribuição gratuita

EXPEDIENTE:

Edição, entrevistas, diagramação e arte :
Doralino Souza

Curadoria e revisão:
Ana Braz
Valter Ribeiro

Desenvolvedor web
Junior Souza

CONSELHO EDITORIAL:
Ana Elicker
Adeli Sell
Gê Mendes
Henrique Schneider
Robertson Frizero
Martha Andrade

JORNALISTA RESPONSÁVEL:
Doralino Souza
Mtb nº 12309

* Os textos assinados são de responsabilidade de seus autores

* Para publicar na revista entre em contato por email ou whatsapp

CONTATO:
editor@jm2d.com.br

Evoé! Sejam todos bem-vindos e Bem-vindas!

Era noite fria, 11 de julho de 2020, em meio a um período de mortes e privações. Três mascarados, que cautelosos tomavam todos os cuidados necessários, imersos em ideias flutuantes, reuniram-se ao entorno de uma mesa com garrafas de chilenos, argentinos e brasileiros numa celebração Dionisíaca. In vino, veritas est!

O verbo tomava forma e as formas transfiguravam-se em palavras dispostas em gêneros textuais, ilustrações e manifestações de culturas, daqui, da vizinhança, de diversas regiões do Brasil e do além mar, trazendo um pouco do velho mundo e também do berço da civilização ocidental.

Foi assim que, em 19 de agosto daquele mesmo 2020, singrando o Vale, nasceu a Paranhana Literário. Literatura e outras manifestações de arte carregando o nome do rio, águas que correm ligeiras, escritas, manifestos, gritos de liberdade política, do corpo e da mente... resistência.

Em sua primeira capa, obra do artista trescoroense Vinicio Petry, um pássaro disforme, que nos lembrou o Corvo do Velho Põe, com físico de um carcará do sertão, a revista ainda em experimento, reconheceu sua logo: Quoth the Raven, Nevermore! Carcará, pega, mata e come!

Em sua segunda edição, outubro do mesmo ano, gritou forte que Literatura também é Resistência! O artista Gê Mendes, em coro com Marielle, Mano Brow, Martin Luther King, Machado de Assis, Preto Zezé, Silvio Almeida, Angela Davis, Emicida e Erica Malunguinho; disse: Fora ao inominável!

Seu DNA já estava confirmado, não teria como fazer planfletaria, a lógica do mercado, assim como o preço do pão, do açúcar e do feijão, não cabe na poesia e vejam só que ironia, ainda que dele muito precisemos, "Não quero dinheiro, eu só quero amar, só quero amar". Mas não! Não sem antes lutar! A arte liberta individualmente, mas se forma, se transforma e habita no coletivo.

Transforma pessoas, mas também transforma uma cidade, um país. Ouçam bem gestores e governantes: é preciso subsidiar o pão a quem arte faça, pois bem na verdade, que vida sem graça, a daqueles que não têm arte na praça.

Nesta vida, senhoras e senhores, nem respirar é de graça, pois em cada lugar que estivermos, se não pagamos pelo ingresso, outrora já pagamos para que ali estivéssemos usando sapatos e calças.

Não é fácil! Muitos foram os atravancos no caminho, e como sabemos todos que arte produzimos, ainda que seja belo, não é fácil ser passarinho. É preciso combustível, obrigado amigos, obrigado família, obrigado colaboradores e leitores... e valha-me poesia!

Em seus caminhos, ora em voos, ora em nau, a galope, ou em lento caminhar há três anos trilha seus caminhos, muitas vezes, no contrassenso da narrativa de Cervantes, enfrentando gigantes disfarçados de moinhos.

Somos sempre cigarra, pois os cantares estão intrínsecos ao nosso ser, mas somos também formiga, e carregamos o peso do mundo, La Fontene certamente não iria entender, o contrassenso que é fazer arte popular no Brasil.

Mas aqui estamos, unindo forças com todos vocês... A Revista, em Igrejinha fez seu ninho, mas como todo passarinho, tem o mundo por quintal.

Texto de boas vindas ao público e aos mais de quarenta escritores, poetas, ilustradores e editores que estiveram no I Festival Literário do Paranhana, comemorando os três anos da revista Paranhana Literário. O texto foi escrito e apresentado pelo poeta Valter Ribeiro.

Foto: Divulgação

Foto: Divulgação

Denilson Reis - Roteirista e fanzineiro. Edita fanzines desde 1987, quando lançou o Fanzine Tchê, em circulação até os dias de hoje. Edita também fanzines temáticos e revistas independentes (Peryc, Quadrante Sul, Gibi do Terror). Lançou o álbum Tchezine v1 e v2 (Criativo Editora). Participa dos principais eventos de quadrinhos e já foi agraciado com os prêmios: Troféu Risco (1988), Prêmio DB Artes (2010), Troféu Angelo Agostini (2012, 2018 e 2022).

Foto: Divulgação

JULIO CORTÁZAR

Nascido em 26 de agosto de 1914, o escritor Argentino é considerado um dos autores mais inovadores e originais de sua época, mestre da história, prosa poética e conto em geral e criador de romances importantes que inauguraram uma nova maneira de fazer literatura no mundo hispânico, quebrando os moldes clássicos através de narrativas que escapam à linearidade temporal. Como o conteúdo de seu trabalho viaja na fronteira entre o real e o fantástico, ele geralmente é colocado em relação ao realismo mágico e até ao surrealismo.

Seu gosto literário era muito amplo, e ele sentia uma atração especial pelos livros de vampiros e fantasmas, que devido à sua alergia ao alho, eram motivo de piadas por suas amizades. O próprio Cortázar alegou ter lido mais romances franceses e anglo-saxões do que espanhóis, o que compensava a leitura de muita poesia espanhola, incluindo Salinas e Cernuda, a quem dedicou comentários entusiasmados.

Em Buenos Aires, a praça situada na interseção das ruas Serrano e Honduras leva seu nome. Em 2007 foi dado oficialmente o nome de "Plaza Julio Cortazar" à pequena praça no extremo ocidental da "Île Saint Louis", onde ocorre o conto Las Babas del Diablo.

Passou a maior parte de sua infância em Banfield, subúrbio de classe média de Lomas de Zamora, região metropolitana de Buenos Aires, e não era uma criança totalmente feliz, apresentando uma tristeza frequente. Declararia: "Pasé mi infancia en una bruma de duendes, de elfos, con un sentido del espacio y del tiempo diferente al de los demás". Muitos de seus contos são autobiográficos, como Bestiario, Final del juego, Los venenos e La Señorita Cora, entre outros.

O LIVRO ESSENCIAL

"O Jogo da Amarelinha" é uma obra-prima da literatura latino-americana e é, sem dúvida, o livro mais conhecido de Cortázar. O romance experimental apresenta uma estrutura única, que permite ao leitor escolher a ordem em que as seções são lidas. A história segue a busca do protagonista Horacio Oliveira pela identidade e liberdade em Paris e Buenos Aires. Com uma linguagem poética e rica em metáforas, Cortázar apresenta um retrato inesquecível de uma geração que busca o sentido da vida em um mundo em constante mudança.

Foto: Divulgação

REMANDO NAS RIMAS E NOS LIVROS

Fotos: Divulgação

Jairo Luiz de Souza lançou seu primeiro livro (Eu, um rosto) em 2003. Em 2004 e 2005, editou Era uma vez com rima ensinando português e Quem diria matemática virou poesia. E, no final de 2008, resolveu utilizar sua própria casa para criar uma biblioteca comunitária. No início, com aproximadamente uns duzentos livros de acervo particular. E, assim, inaugurou a Biblioteca Comunitária Simões Lopes Neto. Iniciou-se, com alguns amigos, uma campanha de doação de livros que dura até hoje. Em 2017, ocorreu um fato que poderia desanimar muita gente, no entanto, o escritor não se deixou abalar e seguiu em frente, ainda com mais força de vontade. Jairo foi diagnosticado com câncer e, em virtude disso, teve a perna amputada. Contudo, tão logo se recuperou da cirurgia reinaugurou sua biblioteca, agora com o nome Biblioteca Comunitária Dilan Camargo, por focar mais em literatura infantil e que, atualmente conta com um acervo de 3.500 livros. Eleito duas vezes Presidente da ACE (Associação Canoense de scritores), é autor também de O passarinho sem asas, Poemar, Poemas na mochila, O baú da vovó Dorvina, Remando nas rimas, O reino de Ana Maria, além de outras obras. Se não bastasse, ainda participa da Beabah (Rede de bibliotecas comunitárias), da Associação Canoense de Escritores, da Casa do poeta de Canoas, do projeto A árvore da leitura e distribuí, no Dia da criança e no Natal, livros e brinquedos para as crianças carentes da comunidade. Faz palestras sobre poesia infantil e visita escolas e Feiras de Livros de outros municípios. Ele diz que é muito teimoso e sua maior teimosia é viver, mas o fato é que as ações desse autor, nos mostra um exemplo de resistência, uma pessoa que acredita na literatura e na cultura como meio de transformação social e vida mais digna para todos.

Foto: Divulgação

Foto: Divulgação

Fotos: Divulgação

Foto: Divulgação

Foto: Divulgação

"As feiras de livros são um ótimo momento em que podemos apresentar o nosso trabalho. Infelizmente, a maioria delas não convida autores independentes, chamando sempre escritores ligados a alguma editora. As feiras escolares são mais calorosas valorizando bem mais os autores locais."

"Para incentivar a leitura acredito que deveriam existir mais ações em prol do livro, colocando em evidência os autores que estão longe da mídia. Nosso trabalho sendo mais divulgado fará com que a aquisição de livros tenha um maior impulso. Acredito que precisamos nos unir mais e divulgar uns aos outros."

"Escrever para crianças é se sentir mais pleno e mais humano. Fico imensamente feliz quando vejo um livro na mão de uma criança ou adolescente. A literatura muda a vida das pessoas. Se a cada cem crianças eu transformar uma em leitora meu trabalho estará plenamente satisfeito. Todas as crianças deveriam ter acesso aos livros."

"O que me faz continuar nessa empreitada em prol da leitura e literatura, além da teimosia, é o meu amor pelos livros e pelas crianças. Sou apaixonado pelo que faço, pelo ato de escrever histórias e poesias para a infância. Tenho alguém que me faz resistir e continuar escrevendo. Alguém que amo mais do que tudo. Falo da minha neta, a Nina, uma menina de três anos de idade."

Foto: Divulgação

"Estou para relançar o livro Era uma vez com rima ensinando português e lançar uma história infantil, infanto-juvenil chamada A janela que tinha emoções. Estou em contato com uma editora de Curitiba. Também pretendo fazer uma Feira do livro no meu bairro."

APOIO CULTURAL

Arte 24 horas por dia, 365 dias por ano.

arteviva

um alento no caos

www.radioarteviva.com

SIMONE SAUERESSIG

Foto: Divulgação

"Quer conhecer um autor e sua obra? Esqueça como ele se veste, quem ele diz que é e leia o seu livro. Leia primeiro e fale depois."

Escritora e professora de ballet, Simone Saueressig nasceu em Campo Bom (RS). Já trabalhou como editora de páginas infantis do Jornal NH (Novo Hamburgo/RS) e do Diário Ya, de Madri (Espanha). Seu primeiro livro, "O Mistério do Formigueiro", saiu pela editora Kuarup em 1987. Recentemente, em 2022, recebeu o Prêmio Glória Pondé, da Biblioteca Nacional, por "O jovem Arsène Lupin e a Dança Macabra" e os prêmios Narrativa Juvenil e Livro do Ano, da Associação Gaúcha de Escritores, por "O último continente". Seu livro mais vendido é "A Máquina Fantabulástica", mas a autora não escreve só para crianças. Com mais de trinta títulos publicados, tem obras para leitores de todas as idades, com ênfase maior na produção de Literatura Fantástica, em todas as suas vertentes. Entre os prêmios mais importantes, destaca os da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, da Associação Gaúcha de Escritores e da Odisseia de Literatura Fantástica, sendo este último, pelo conjunto de sua obra. Considera "Os Sóis da América" sua obra mais importante.

Quando surgiu a escritora Simone Saueressig?

Eu sempre fui uma pessoa imaginativa e, quando era criança, gostava de contar histórias, que ia improvisando na hora, para as minhas amigas. Com o passar do tempo, eu fui anotando algumas ideias, para não esquecê-las, já que, às vezes, o pessoal me pedia para repetir a narrativa – e é claro que eu não lembrava mais o que eu tinha contado. Os textos começaram a aparecer, mesmo, quando eu era adolescente. Eu lia muita história de Ficção Científica e comecei a achar que poderia escrever algumas. Contudo, o diferencial aconteceu quando eu li "O Senhor dos Anéis". Como muitos leitores da saga, também quis escrever o "meu" "O Senhor dos Anéis", isso foi me levando a escrever mais e mais.

E nesses trinta anos de carreira, quais as maiores dificuldades?

Grande parte da minha obra é destinada a leitores iniciantes ou com pouca prática de leitura, o que faz com que essa Literatura seja automaticamente associada a crianças, adolescentes e, meio que por extensão, à escola. Isso é um desafio enorme, porque coloca um rótulo naquilo que a gente escreve e se fica difícil sair dessa caixinha. Eu não escrevo só para crianças. Tento escrever para todos os públicos, dependendo do assunto abordado na narrativa ou no tom que ela assume. Então, nem tudo o que escrevo tem como público-alvo a sala de aula. Outro grande desafio é conseguir

viver da venda de livro. A maioria do pessoal que eu conheço e que consegue "viver de Literatura", como muita gente fala, vive de eventos que giram em torno do livro, como palestras, bate-papos e presença em feiras de livros. Não vive do essencial que é a venda do livro em si mesmo. Não dá para só escrever, é preciso, também, saber palestrar – e nem sempre um escritor se dá bem com a palavra falada, com o improviso ou com um público. Há muitas coisas envolvidas nisso tudo, mas acho que um dos maiores problemas que enfrentamos é como o autor brasileiro é visto pelo grande público. Entra em cena um pouco de preconceito que, infelizmente, muitas vezes nasce justo da relação da Literatura como leitura obrigatória em sala de aula.

De todos os teus títulos já publicados, qual te trouxe mais alegria?

Bem, acho que é "A Máquina Fantabulástica". É um título que está há mais de 25 anos circulando e já me deu a oportunidade de conhecer muita gente legal, de visitar muitos lugares. É que a Literatura é como um diálogo: a gente fala, contando uma história, e quer ouvir algo de volta, que é a voz do leitor. E eu já tive muitas vozes me dando retorno. Numa imensa maioria, são alunos, o que nos traz de volta à questão da Literatura como algo obrigatório. Mas eu gosto de pensar que este título proporcionou bons momentos aos seus leitores.

Quais as diferenças entre escrever para o público juvenil e público adulto?

Eu diria que um texto juvenil (ou infantil) é aquele se "se deixa ler" por pessoas de qualquer idade – o que vai mudar é a interpretação que o leitor dá para aquele texto. Se for um texto bem escrito, dará prazer, trará diversão e vai emocionar gente de qualquer idade. Deveria ser muito mais valorizada. Já a Literatura para adultos oferece desafios na construção, no vocabulário e na forma mais direta de abordar um determinado assunto, que são detalhes voltados para um leitor que tem um histórico maior de vida. Entra em cena o tom, o vocabulário, a construção das frases, uma série de coisas.

A chamada literatura fantástica ou de fantasia (qual o nome correto devo usar?) ainda sofre preconceito ou isso mudou?

Depende do que você quer dizer. "Literatura Fantástica" é uma espécie de guarda-chuva debaixo do qual se abrigam inúmeros gêneros: a Ficção Científica, o Terror, a Fantasia e o próprio Fantástico, que é um gênero à parte. Para responder a essa pergunta, eu diria que "Literatura Fantástica" é o melhor termo, mas o pessoal das academias está trazendo muito a ideia de "Literatura Expeculativa". E, sim, acho que ainda há preconceito contra esses muitos gêneros. Há uma série de razões para isso, mas acho que o pior é a comparação com a Literatura Fantástica produzida fora das fronteiras brasileiras – comparação essa que, muitas vezes, a gente mesmo, os escritores do gênero, alimentamos. Por outro lado, muitas obras que poderiam ser encaixadas no gênero, não são apresentadas como tal, porque são "obras sérias" como se a Literatura Fantástica fosse incapaz de produzir obras com conteúdo político, social, psicológico, etc. Daí que em vez de nos apresentarem, por exemplo, "Incidente em Antares" como uma história de zumbis – e olha que eu não curto zumbi – os críticos encontram outros gêneros onde encaixá-lo. O mesmo acontece com inúmeras obras e muitos autores. Fora do meio da Ficção Científica, por exemplo, pouca gente sabe, mas a autora que inaugura o gênero no Brasil de modo "oficial", no Século XX, foi Dinah Silveira de Queiroz, a imortal da Academia Brasileira de Letras, autora de "A Muralha". Mas também autora de "Eles herdarão a Terra" e da coletânea de contos "Comba Malina".

Se isso mudou? Eu diria que está mudando, porque, hoje, há muito mais interesse por obras do gênero e muita gente escrevendo sobre isso. Também tem muita gente redescobrindo a sua brasilidade ao se deparar com contos e romances que trazem o fantástico embutido no folclore e nos costumes do interior, como inspiração para obras do gênero.

E como é a sensação de ter um livro que já vendeu mais de 100 mil exemplares?

É uma sensação estranha. Na verdade, acho que eu não cheguei a compreender bem o que isso significa, apesar de saber que para os 100 mil exemplares vendidos eu tenho um número superior de leitores: a gente sempre tem que pensar naqueles que pegam o livro na biblioteca, os que compram em sebos, os que herdam dos pais. Isso é muito bonito. Já autografei exemplares

que passaram de pai para filho, de irmão mais velho para irmão mais novo. É muito emocionante. "A Máquina Fantabulástica" é um livro infanto-juvenil que escrevi para o elevador do meu prédio (a autêntica "máquina fantabulástica"). Ele conta a história de Joaquim, um menino que tem pressa de crescer, mas que, para sua sorte, eu diria, tem a oportunidade de conhecer o Décimo Terceiro Andar, um andar inexistente no seu prédio, e onde acontecem as aventuras do livro. O mundo do 13 é um lugar criado pela Máquina Fantabulástica, que é um invento de um inventor maluco. O livro está cheio de referências à minha própria infância e me divirto muito quando, eventualmente, dou uma relida em alguma parte de que gosto mais. Sempre olho e penso, "nossa, nem lembrava que tinha posto isso aí". E daí eu penso que muitas mais pessoas e crianças o leram... É muito legal.

Foto: Divulgação

Em 2022, o livro recebeu o Prêmio Glória Pondé, da Biblioteca Nacional.

Tu já foste finalista e ganhaste diversos prêmios literários de reconhecida relevância. Ser premiado no meio literário é fundamental para a careira do autor?

Não, eu não creio que seja fundamental. É bom, é como um aval que recebemos. Mas é uma consequência do trabalho e não deveria ser o foco de nenhum escritor. O que o prêmio literário deveria dar ao trabalho do autor é visibilidade. Um livro premiado deveria ser comentado, lido, discutido. Infelizmente, isso raramente acontece. Na maioria das vezes, o autor recebe o prêmio, tira foto, coloca nas redes sociais e fica por isso mesmo. Não é um retorno real. Os prêmios que dão um prêmio financeiro são bons, é claro, dão um respiro para quem está com o orçamento apertado. Mas depois que esse dinheiro é consumido o que sobra? O livro. Ele é o verdadeiro investimento do autor e da editora. O foco precisa estar nele e o foco proporcionado pelos prêmios é muito fugaz.

Atualmente, a mulher conquistou seu espaço no meio literário ou ainda falta muito pra isso, de fato, ocorrer?

Acho que estamos na luta. Há alguns anos, eu te diria que somos bem reconhecidas, mas... ultimamente, tenho me dado conta de que ser mulher faz com que a minha literatura seja pré-julgada por alguns leitores. Isso sempre é ruim. Quer conhecer um autor e sua obra? Esqueça como ele se veste, quem ele diz que é e leia o seu livro. Leia primeiro e fale depois.

E como tu vês o mercado editorial atualmente?

Essa é uma pergunta muito difícil. Até porque eu acho que o escritor, por incrível que pareça, tem tanta informação sobre isso quanto o público em geral. A gente faz parte do mercado, está no início do processo, mas não sabe nada sobre ele. De uma maneira geral, sempre me dá uma impressão de que se trata de algo meio na "achologia". As editoras "acham", acreditam, que algum tema está em alta entre os leitores, então publicam sobre o assunto. Também existe um costume de seguir a "moda" do que está sendo lido e publicado fora de nossas fronteiras. A consolidação de plataformas, como Amazon, tornou muita coisa mais acessível, através do e-commerce e dos e-books, mas eu vejo esse segmento como algo restrito para quem tem celular e conseguiu se adaptar à leitura em tela, o que não é todo mundo. Temos o desafio de conseguir publicar fisicamente de maneira racional, o bastante para atender ao público sem ficar com um estoque muito grande, e sem que o preço se torne inacessível (o que nos levaria por outra discussão sobre o preço dos livros que anda muito, muito salgado). Por outro lado, um ponto onde acho que as editoras convencionais falham, e muito, é em não apostar em publicidade. Se usa muito as mídias sociais e os influencers, muitas vezes de maneira tímida e sem o resultado esperado. Como fica o público que não frequenta o meio virtual? Eu uso muito o exemplo de blockbusters como "Os Vingadores". Você viu a publicidade em torno dos últimos lançamentos do filme? Não foi só nas mídias sociais, também rolou propaganda na TV aberta, nos jornais. E a pergunta que eu sempre faço: você acha que a continuação de um filme que teve cerca de 11 milhões de assistentes (esse número era o objetivo calculado pela publicidade naquele momento no Brasil) precisa gastar 200 milhões de dólares em publicidade para a sua continuação? A resposta é "sim", se você quiser pagar as contas. Mas a indústria editorial brasileira faz alguma publicidade mais contundente? Não estou falando de gastar 200 milhões de nada, estou falando em anúncios simples em jornais e rádios,

por exemplo. Bem, fora das mídias sociais, das escolas e das compras governamentais, a resposta é "não". Não se vê publicidade de livro por aí, até porque a distribuição é outro gargalo muito desafiante. Somos mais de 240 milhões de brasileiros espalhados por um território continental, cuja principal distribuição ocorre via estradas, e, portanto, através de um deslocamento bastante caro. De que adianta anunciar um produto que não está imediatamente à disposição do público? São muitas questões e é por isso que é tão difícil responder a essa pergunta.

E quais os novos projetos da escritora Simone Saueressig?

No momento, terminar a nova edição de "O jovem Arsène Lupin", série que iniciei em 2021, a convite da Editora Avec, de Porto Alegre. A nova aventura, "O jovem Arsène Lupin e a Coroa de Ferro" deve estar pronta nos próximos meses. Também tenho um projeto muito bonito com a Simples Assim, produtora de Novo Hamburgo, que enfoca os povos originários que ocuparam a região do Vale do Sinos, "Os Cinzas-e-Ossos", que deve chegar para os leitores em 2024, se tudo correr bem. E, finalmente, tenho um projeto "secreto" que deve estar pronto em seguida, mas, como é "secreto", não posso entrar em detalhes. Só digo que envolve um pirata muito conhecido da gurizada de Novo Hamburgo.

Muitos leitores da revista Paranhana Literário são novos autores ou aspirantes a autores. Quais conselhosou dicas dirias para eles?

Uma das coisas mais legais que tem hoje, e não tinha quando comecei a escrever, são as oficinas literárias. Assim, eu diria para quem quiser escrever, que participe de alguma delas. A escrita, como todo o tipo de arte, precisa ser afinada e nosso olhar aguçado, e as oficinas proporcionam um espaço para que a gente vá testando diferentes tipos de narrativa, diferentes tipos de texto. Também diria que é preciso ler duas ou três vezes mais do que escrever. Sem leitura, não há escrita. Então escrevam bastante, mas leiam ainda mais, sem preconceito de texto, gênero ou autor algum. Outra dica que acho fundamental é que os leitores pensem sobre o que leram. Se a gente quiser ser escritor, precisa, também, pensar naquilo que lemos e escrevemos. Agora, por último, vem a dica mais importante de todas: vivam. É da vida que nascem as histórias, por mais fantásticas que elas possam parecer. Mesmo desafiante, dura, difícil, muitas vezes trágica, a vida tem um componente poderoso para quem quiser fazer qualquer tipo de arte, que é a experiência pessoal. Não é para bancar o maluco e pular do avião sem paraquedas, mas é para olhar para o paraquedista e se permitir imaginar como deve ser. Sentir o sol, ver o céu, abraçar os amigos, curtir a família. É lá que estão as boas histórias e as inspirações para as obras que virão.

Obra da autora já vendeu mais de cem mil exemplares desde seu lançamento..

Foto: Divulgação

Foto: Divulgação

"Um livro premiado deveria ser comentado, lido, discutido. Infelizmente, isso raramente acontece. Na maioria das vezes, o autor recebe o prêmio, tira foto, coloca nas redes sociais e fica por isso mesmo."

Foto: Divulgação

O AUTOR CESAR ALCÁZAR RESPONDE CINCO PERGUNTAS SOBRE SEU LIVRO "ESPERO QUE EU NÃO ME APAIXONE POR VOCÊ"

1. O que o livro "ESPERO QUE EU NÃO ME APAIXONE POR VOCÊ" tem que justifique a leitura?

Não sei se é bem uma justificativa, mas posso dizer o seguinte: "Espero que eu não me apaixone por você" é uma história de mistério, uma aventura detetivesca que trata de temas como culpa, solidão, amores perdidos e a passagem do tempo. O Tempo e a Morte, assim com letra maiúscula, são muito importantes na trama. Ela tem uma atmosfera de Film Noir dos anos 1940 e 1950, mas com toques de humor e surrealismo. Optei por uma narrativa que mistura sonho, delírio e realidade para contrastar com a objetividade tradicional das histórias de detetive. Então, quem se identificar com estes elementos ou ficar curioso com a proposta do livro, provavelmente vai apreciar a leitura.

2. Quem não conhece as canções do Tom Waits terá alguma dificuldade, por conta de referências ou conseguirá acompanhar a narrativa tranquilamente?

Não é preciso ter conhecimento prévio das obras de Tom Waits para entender e acompanhar a investigação do Detetive Spero. As canções foram um ponto de partida, uma inspiração. A história do livro é independente e autoconclusiva. Já recebi alguns comentários positivos de pessoas que sequer sabiam da existência do Tom Waits antes de ler o livro.

3. Desde quando esse livro esperava para ser escrito e como foi a convivência com as personagens enquanto elas eram elaboradas?

O livro foi escrito entre setembro de 2021 e dezembro de 2022, porém, com grandes hiatos dentro desse período (a maior parte deles provocada por trabalhos de tradução que exigiam atenção exclusiva). A ideia de escrever "Espero..." surgiu como um raio. Foi tão intensa que parei a escrita de outro livro para me dedicar a ele.

Criar personagens é minha parte preferida na escrita de ficção. Dessa vez, trabalhando com as figuras mais excêntricas que já inventei, muitas vezes me via fascinado por elas. A personagem Rosie, por exemplo, acabou tendo uma importância muito maior na história do que planejei a princípio. Ela me conquistou e foi conquistando espaço nas páginas. Acabou se tornando o coração do livro. Outros personagens menores, como a dona do bar frequentado pelo Detetive Spero ou um cliente do mesmo bar, um sujeito pedante e metido a intelectual, foram um prazer de escrever.

4. O protagonista do livro, detetive Spero, tem algo do autor?

Tem muito, infelizmente (haha), embora ele esteja longe de ser um personagem autobiográfico. Inseri no Spero algumas características curiosas da minha personalidade, como o medo de palhaços. Em um momento da narrativa, Spero sofre um episódio de paralisia do sono, algo que acontece bastante comigo. Ele também tem minha orientação política antifascista e o gosto pelo cinema. Sem falar que, como eu, Spero é um tanto melancólico e dado a se perder em lembranças do passado, entre outras coisas (sobre as quais vou fazer um mistério).

5. O que espera conseguir com a publicação do livro "ESPERO QUE EU NÃO ME APAIXONE POR VOCÊ"?

Espero que os leitores se apaixonem pelo livro.

Foto: Divulgação

Cesar Alcázar além de ser o autor de "Espero que eu não me apaixone por você" também escreveu os livros "A Culpa é da Noite" e "Aos que Habitam a Escuridão". É o roteirista das HQs "A Música do Quarto ao Lado", "O Coração do Cão Negro" e "A Canção do Cão Negro". Pesquisa e escreve sobre cinema (como César Almeida) e é o responsável pela série "Cemitério Perdido dos Filmes B". Foi um dos idealizadores da Odisseia de Literatura Fantástica e do Porto Alegre Noir. Também atua como editor do selo Safra Vermelha (Editora Avec) e tradutor.

POR MARTHA ANDRADE SILVA*

LINGUAGEM NEUTRA, LINGUAGEM INCLUSIVA, GRAMÁTICA DA LÍNGUA PORTUGUESA:

QUAL É O PROBLEMA?

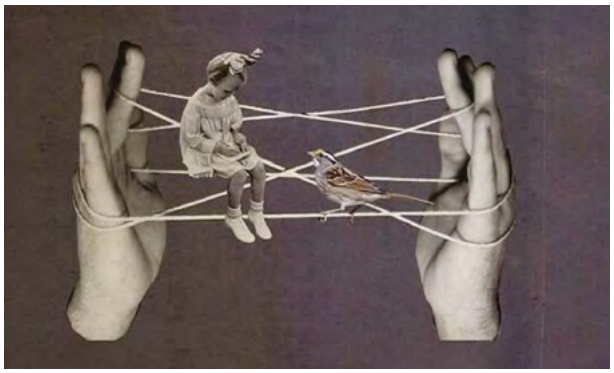


Foto: jamarattigan.com

Se você gosta de discussões sobre linguagem, já deve ter lido algo sobre a chamada "linguagem neutra". Sim, eu sei – e você também deve saber – que há polêmica aí, inclusive entre professores/as de língua portuguesa. Então, contribuindo com a discussão, o primeiro ponto que eu gostaria de abordar nem é a polêmica sobre poder/ não poder usar. Vale lembrar que polêmicas interessam quando geram discussão, mas não quando destilam preconceito – o que também vou abordar. Antes de tudo, é o termo "neutra" que destaco: nada é neutro em se tratando de linguagem, se considerarmos que, na produção de um enunciado, sempre há um sujeito que realizou escolhas linguísticas para dizer o que diz. Essas escolhas refletem quem é esse sujeito, que lugar, social e historicamente, ele ocupa e por que diz o que diz, da forma como diz – e nada disso pressupõe neutralidade.

A linguagem neutra refere-se ao uso de marcas linguísticas que visam ao reconhecimento, nas manifestações comunicativas, da identidade de gênero de pessoas não binárias (isto é, que não se identificam nem com o gênero feminino, nem com o masculino). As marcas dessa linguagem evidenciam-se, por exemplo, no emprego de uma desinência "e(s)" em lugar das desinências de gênero já reconhecidas, "a(s)" e "o(s)": "todo(s)", "toda(s)", "tode(s)". Assim, a questão da neutralidade tem, em parte, a ver com o que expus acima: se, na verdade, não existe neutralidade na linguagem, diante das características que descrevi, a linguagem em questão poderia caracterizar-se não como "neutra", mas como inclusiva – o que me parece adequado.

Uma observação: a linguagem inclusiva sempre se referirá a GENTE. PESSOAS. Não se referirá a coisas, instituições, lugares. Certa vez, fiz uma postagem em rede social em que abordei o tema. Eu tratava sobre o uso dessa linguagem em provas de redação como a do Enem, e alguém comentou, ironizando meu posicionamento: "Escoles burres". Incautamente, com fundamento (?) no senso comum, desconsiderou (ou desconhecia) o fato de que a linguagem em questão tem a ver apenas com gente. Só. Gente que também quer se ver representada na linguagem. O comentário partiu de um perfil fake. Só podia. (Mas, depois, percebi quem o havia postado. Deixa assim.)

À exceção dessa pequena e imbecil tentativa de ironia de que fui alvo na ocasião, aí está outro ponto deste texto: a polêmica, que, quando gera discussão fundamentada em argumentos, e não em babaquices, é saudável e, portanto, bem-vinda.

Segue aí, então, minha contribuição.

Há quem, de modo algum, admita o uso da linguagem inclusiva, e também há quem veja aí uma evolução linguística, como várias já acontecidas. Naquela postagem, eu já tinha expressado: tomo partido dessa segunda posição, tanto pela questão inclusiva como pelo aspecto histórico e social aí implicado, relativo à dinamicidade das línguas (e das linguagens). Afinal, é fato que, ao longo do tempo, acontecem mudanças linguísticas, perceptíveis, por exemplo, em expressões, formais ou informais, que se modificam e se agregam à linguagem, e em outras, que vão caindo em desuso. Paulo Freire disse: "o mundo não é, ele está sendo" (o grifo é meu). Embora ele não fosse um gramático, e sim um professor e um filósofo da educação, sua ideia cabe nesta discussão. Na frase de Freire, o uso do tempo presente ("está sendo") pressupõe movimento, dinâmica. O mundo muda, queiramos ou não. Mudam as pessoas, os modos de pensar e de viver e, sob muitos aspectos, sobretudo a partir dos usos, a linguagem também muda.

Novamente considerando o adjetivo "inclusiva": a inclusão social é um direito, e incluir-se socialmente está, indiscutivelmente, relacionado à linguagem. Na teoria do linguista Émile Benveniste, encontra-se a ideia de que os sujeitos se inscrevem no mundo por meio da linguagem; no contexto do que aqui discuto, "inscrever-se" pode ser lido como "incluir-se". A inclusão linguística também é um

tipo de inclusão social, e nem mesmo é algo tão novo assim: basta lembrarmos que já se questionou o uso do masculino genérico em expressões como "bom dia a todos aqui presentes", que abrange os gêneros masculino e feminino, mesmo em referência a mulheres e homens, pois a normatividade afirma que, nessa situação, o plural é masculino. Hoje há quem dê preferência ao uso de "todos e todas aqui presentes". Outra mudança nesse sentido refere-se ao uso da desinência de gênero feminino em diplomas: atualmente, é possível que esses documentos apresentem denominações como "médica", "licenciada", "engenheira", "bacharela", "mestra", no espaço antes ocupado somente pela designação masculina da profissão ou do grau acadêmico. Trata-se de uma mudança linguística que parece pequena, mas que é significativa, tendo partido de questionamentos da sociedade – e questionamentos assim têm a ver com desejo ou necessidade de mudança.

Entretanto, contrariando o uso da linguagem inclusiva, há o argumento de que isso representaria "afronta à gramática" da língua. Porém, de que noção de gramática se fala aí? Esse argumento está calcado na ideia, que aprendemos, de que gramática é aquele conjunto de regras que estabelece padrões para os usuários de uma língua. Essa noção não está incorreta, mas gramática é TAMBÉM isso – e não APENAS isso. Na escola, prepondera a noção de que a chamada gramática normativa, que regula ortografia, acentuação, pontuação, sintaxe da língua, é a única gramática, já que se refere à norma-padrão da língua e que é essa a que deveria ser empregada em todas as situações comunicativas do cotidiano. Só que o uso da linguagem, nessas situações comunicativas do cotidiano, atesta que há muitos e diferentes desvios dessa norma. Aliás, você, ao se comunicar, sempre segue a norma-padrão?

"A língua é um enorme iceberg flutuando no mar do tempo, e a gramática normativa é a tentativa de descrever apenas uma parcela mais visível dele, a chamada norma-padrão", diz outro linguista, Marcos Bagno, em seu livro "Preconceito linguístico". É bom voltar a atenção ao título desse livro, que aborda o preconceito linguístico. Você sabe o que é isso?

Quando se leva em conta somente a concepção normativa da gramática, ou apenas a chamada norma-padrão, os desvios são vistos como erros linguísticos, e isso, muitas vezes, conduz ao preconceito: Fulano "não sabe falar/escrever o português 'correto'" etc., o que põe em dúvida, invalida e, em alguns casos, marginaliza qualquer dizer, qualquer escrita que não se adeque ao padrão. Posicionamentos como esses desconsideram que, assim como há o conjunto de regras compondo a chamada norma-padrão da língua, há também os usos da linguagem, que, mesmo quando desviam do padrão, não necessariamente configuram erro, a considerar-se, especialmente, o contexto de uso. E há, ainda, um elemento fundamental nisso tudo, muito importante, que se refere à questão principal que aqui discuto, a linguagem inclusiva: os sujeitos, em suas diversas atividades diárias de comunicação. Essas atividades não são iguais umas às outras, e nem os sujeitos que as desenvolvem – portanto, não precisam ser reguladas, linguística ou gramaticalmente, da mesma forma.

Quer dizer, então, que vale tudo na língua e que a gramática normativa pode ser deixada de lado? Não, nada a ver. Significa que empregos de linguagem – por exemplo, a inclusiva – podem, da mesma forma que outros usos linguísticos, fazer parte do cotidiano sem que isso signifique "assassinar a língua", conforme se ouve por aí. Por que não colaborar, também dessa forma, para que o mundo seja mais empático, menos preconceituoso e mais inclusivo? Qual é o grande problema se, em sua comunicação, uma pessoa não-binária prefira empregar uma desinência de gênero diferente, como "e(s)", para sentir-se parte da sociedade? Que tão grave interferência isso provoca no cotidiano?

Nem tudo o que dizemos e escrevemos, e como o fazemos, está insculpido em gramáticas ou em dicionários. Porém, isso não quer dizer que esses dizeres e essa escrita não existam – assim como os sujeitos que os usam no dia a dia. Quem pensa em linguagem inclusiva como "assassinato da língua" pode não estar se dando conta de um problema bem mais grave do que qualquer suposta "afronta à gramática normativa": o preconceito, que leva à exclusão e a perpetua.

* Mestre em Letras – Literatura Brasileira e professora de Língua Portuguesa e Literatura, com atuação na escola básica e no ensino superior. Leitora e defensora do livro e da literatura. Mora em Porto Alegre/RS.

Foto: Divulgação

ELENILTO SALDANHA DAMASCENO *

Foto: jamarattigan.com

A OBSCENA SENHORA D

Escrever sobre a escritora paulista Hilda Hilst, uma das grandes autoras da literatura brasileira do século XX, é um enorme desafio, pois sua obra permanecerá sempre indecifrável. Esta resenha em tom ensaístico ousará abordar uma de suas narrativas desconcertantes, a novela em prosa poética "A obscena senhora D", a partir de um recorte peculiar: os questionamentos sobre a humanidade de um Deus encarnado como Porco-Menino.

Repleta de elucubrações metafísicas e filosóficas, um dos temas principais dessa narrativa é a dúvida sobre a existência da divindade, mais especificamente sobre a representação de Deus das mitologias de matriz judaico-cristã. O que me autoriza a especular relações entre o Porco-Menino e a figura de Jesus enquanto Deus em manifestação humana, além da própria intertextualidade da obra com imagens e passagens bíblicas, é um trecho de uma das últimas entrevistas dadas por Hilda Hilst, em 1998, logo após o lançamento daquela que foi sua última narrativa ficcional, "Estar sendo", a qual demarcou seu afastamento das atividades literárias e o autoexílio na Casa do Sol, sítio no interior de São Paulo, onde viveu até 2004, quando veio a falecer. Nessa entrevista, a autora declarou: "A minha literatura fala basicamente desse inefável, o tempo todo. Mesmo na pornografia, eu insisto nisso. Posso blasfemar muito, mas meu negócio é o sagrado. É Deus mesmo, meu negócio é com Deus".

Já no início da narrativa, a personagem Hillé (a senhora D) revela que "engolia o corpo de Deus a cada mês, [...] como quem sabe que engole o Mais, o Todo, o Incomensurável". Seja referência à Eucaristia ou ao ato sexual com Ehud, "Engolia o corpo de Deus [...] porque acreditava, mas nem porisso compreendia, olhava o porco-mundo e pensava: Aquele nada tem a ver com isso, Este aqui dentro nada tem a ver com isso, Este, O Luminoso, O Vívido, O Nome". Em seguida, refere-se ao Menino Louco e, então, parafraseia palavras de Jesus, "ó vinde a mim as criancinhas" (Mateus, 19.14, Marcos 10.14, Lucas 18.16), e retruca, "que sabemos nós de criancinhas? Como pôde dizer isso, ele que dizia que muito sabia? Casa da Porca, assim agora chamam a minha casa, fiquei mulher desse Porco-Menino Construtor do Mundo". Essa imagem do Porco-Menino também Construtor do Mundo estabelece intertextualidade com Jesus, o Verbo que se fez carne (João 1.14) e que, no princípio, estava com Deus, era Deus e criou todas as coisas (João 1.1-3).

A morte de seu marido, Ehud, suscita-lhe mais do que dúvidas, transborda a revolta engasgada contra um Deus cruel que impõe a morte: "Textos, palavras, e derepente a mão do Porco-Menino me entupindo a boca de terra, de cascalho, de palha. Engasgo neste abismo".

Em contrapartida, se Deus não é o Porco-Menino que liga divindade e humanidade, "como será a cara DELE hen? é só luz? uma gigantesca tampinha prateada? não há um vínculo entre ELE e nós? não dizem que é PAI? não fez um acordo conosco? fez, fez, é PAI, somos filhos. não é o PAI obrigado a cuidar da prole, a zelar ainda que a contragosto? é PAI relapso? [...] eu gritando que Deus era um menino louco". Hillé explode em conjecturas sobre seu abandono e também sobre a derrelição do marido morto e pergunta a esse Pai ausente: "estás aí com Ehud? Morte, asqueroso, inchado, vermes, fosso fazem parte de Ti? Não fizemos um acordo? Não és Pai? Não houve um contrato? Não te escuto. O quê? O quê, meu Deus? Não te escuto. Quê?".

Sem pudores escatológicos, a personagem protagonista questiona "Ai Senhor, tu tens igual a nós o fétido buraco? [...] escondido atrás, todo espremido, humilde mas demolidor de vaidades, impossível ao homem se pensar espirro do divino tendo esse luxo atrás", parodia e ironiza o mito sobre o homem criado do pó da terra e transformado em alma vivente pela Ruah, sopro ou fôlego de Deus e Espírito de vida (Gênesis 2,7), criatura feita à imagem e semelhança de Deus (Gênesis 1.26,27), e com ânus: "Ó buraco, estás aí também no teu Senhor? Há muito que se louva o todo espremido. Estás destronado quem sabe, Senhor, em favor desse buraco?". A obscena senhora D, à procura desse Deus invisível, projeta-o como um grande olho-ânus junto a um altar, "no topo uma imensa rodela de granito, umas dobras no mármore, um belíssimo ônix, uns arremedos de carne, do cu escultores líricos. E dizem os doutos que Tua Presença ali é a mais perfeita".

Hillé, amargurada e imersa em dúvidas na busca do Deus oniausente, permeia o caminho da fé, pois a dúvida não é inimiga da fé, e sim a indiferença. Incitada pelo desejo sexual que refreia e pelo prazer exigido por Ehud, confessa que "porisso é que me recusava muitas vezes, queria o fio lá de cima, o tenso que o OUTRO segura, o OUTRO, entendes? que OUTRO mamma mia? DEUS DEUS, então tu ainda não compreendes?". Quando Ehud morre, Hillé se culpa pela sexualidade reprimida, pela mortificação do desejo. Assim como Jesus clama por Deus, Eli, no desamparo da cruz, Hillé também clama por Ehud: "lama sabactani", por que me desamparaste? (Mateus 27.46, Marcos 15.34). É o segundo trecho na narrativa em que o fluxo de consciência da senhora D parafraseia diretamente palavras de Cristo.

Arrependida de sua propensão ao ascetismo, Hillé compara-se ao Jesus sem pecado, ao Deus-homem santo e, portanto, inumano, "alguém privado de sentimentos, nulo, sozinho como Tu mesmo Menino-Porco, era esticado e leve, era rosado, e não sentia absolutamente nada". Compara-o, nessa condição, à porca que se achega a sua casa ao final da narrativa, a senhora P, "os olhos um aquoso de incompreensão e de doçura, um sem-Deus sem-Deus hifenizado sempre, sem-Deus sem-Deus". Também compara a porca e Jesus a si própria, senhora D: "Conheces o canto do pássaro sem-fim, senhora P? sem-fim, sem-fim, sem-fim nosso existir sem-Deus. E me vem que só posso entender a senhora P, sendo-a. Me vem também, Senhor, que de um certo modo, não sei como, me vem que muito desejas ser Hillé, um atormentado ser humano. E sentir".

Hillé senhora D desamparada, obscena, louca, porca. Sim, por todos considerada louca, chamada de porca. Ora, sabe-se que a porca é símbolo de impureza da carne na tradição religiosa judaica e também que o Cristo Deus é blasfêmia. Mas eis que no momento de seu mais absoluto desamparo, quando está prestes a morrer, a vizinhança hostil observa Hillé amparada pela presença de uma porca e de alguns cães: "estranho, os cães ficam todos ao redor, eles sabem sabem sim, os cães de Hillé sabem como todos os cães [...] olha, até a porca vem vindo a senhora P. é esse o nome que Hillé deu à porca".

E Deus, ou o Cristo, permanece ausente? Como esta coluna não apresenta certezas, mas sim ressonâncias, ensaio e apresento a leitura (pessoal) de que não e, aliás, de que sempre esteve e ainda está próximo e é quem responde à curiosidade alheia, ao declarar, no fim, que Hillé é "um susto que adquiriu compreensão. [...] eu moro longe. mas conheci Hillé muito bem. me chamam de Porco-Menino. Porque eu gosto de porcos. Gosto de gente também".

* Professor de Língua Portuguesa e de Literatura, escritor, revisor e jornalista. Mestre em Letras/Estudos de Literatura e especialista em Literatura Brasileira. Autor do livro "Textos do Novo Testamento nas crônicas de Machado de Assis" (Editora Dialética, 2021), finalista do Prêmio AGES 2022 na categoria não ficção. É morador de São Leopoldo/RS.
Site: www.eleniltodamasceno.com

Foto: Divulgação

A LITERATURA E A MAGIA DE VIVER MUITAS VIDAS.

ANDRÉIA SCHEFER *
Novo Hamburgo/RS

Foto: jamarattigan.com

Outro dia, deparei-me com uma citação de George R.R. Martin que afirmava: "Ler é viver muitas vidas antes de morrer". Essa simples e poderosa frase ecoou em minha mente por horas a fio. Ela sintetiza de forma magistral a grandiosidade de emoções que a leitura de um bom livro pode desencadear naqueles que se aventuram em suas páginas. Ler é, de fato, isso: uma jornada emocionante que nos conecta com mundos distantes e inexistíveis, desafiando os limites da nossa imaginação.

Ao abrirmos um livro, estamos abrindo também as portas da nossa imaginação. As palavras ali escritas ganham vida diante de nossos olhos e somos transportados para realidades paralelas, onde tudo é possível. É como se fôssemos convidados a caminhar por estradas nunca trilhadas, a desvendar segredos ocultos em mundos de fantasia e a decifrar os enigmas mais profundos da mente humana.

Diante da convicção de que ler é viver muitas vidas, é impossível não se maravilhar com a arte da escrita. Se um leitor é capaz de se aventurar por universos infinitos através das páginas de um livro, o que dizer, então, do escritor que tem o poder de criar todas essas vidas? Que entra na pele de cada personagem e sente todas as suas dores e alegrias. Que vagueia por culturas e lugares nem sempre conhecidos por ele e que exigirão mais do que uma breve pesquisa.

Escrever é embarcar em mundos paralelos e o escritor é o arquiteto que dá forma e significado à matéria-prima, que envolve essas novas realidades. Em suas mãos, as letras ganham vida, os personagens respiram e os cenários se materializam. É através da escrita que o autor pode dar voz aos seus mais profundos pensamentos, emoções e ideias. Através das histórias que cria, ele se expressa e se conecta com os leitores de maneiras que vão além das fronteiras do tempo e do espaço. É como se cada livro escrito fosse um fragmento da própria alma do autor, imortalizado nas páginas para ser

compartilhado com o mundo.

É com esse sentimento que escrevo as minhas histórias. Quando decidi contar a história de um menino sírio que sofre as consequências de uma guerra, ingressei em uma longa viagem a um lugar totalmente desconhecido. Cada detalhe descrito pelo meu narrador sobre os bombardeios e a destruição me tocou profundamente. Eu chorei a cada tragédia, senti raiva, pena e descontentamento diante da injustiça que permeava aquelas vidas tão vulneráveis. Foi como se eu estivesse lá, vivenciando cada momento ao lado dessas pessoas que lutavam por sobreviver em meio ao caos.

Os sentimentos eram intensos e avassaladores. Eu senti medo, um medo real, como se minha própria vida estivesse em perigo, como se a próxima bomba pudesse me atingir a qualquer momento. A preocupação pelos meus familiares e entes queridos também me invadiu, pois entendi que, naquele contexto, ninguém estava seguro.

Vestindo as peles dos meus personagens, eu me emocionei a cada dor que enfrentaram e celebrei a cada pequena conquista. Cada passo em direção à esperança e à superação foi uma vitória pessoal para mim também. A empatia se tornou minha aliada nessa jornada, me conectando emocionalmente com aqueles cujas histórias eu contava.

Essa conexão profunda com os personagens e suas jornadas revelou que escrever é também um ato de coragem. É se entregar ao desconhecido, colocando-se frágil diante da página em branco, ao mesmo tempo em que exerce um poder transformador nas palavras que ganham vida. Assim como a leitura nos permite viver muitas vidas antes de morrer, a escrita nos concede a oportunidade única de criar e viver todas essas vidas, de dar vida a incontáveis personagens e cenários que existem apenas na imaginação.

Escrever é uma dádiva inestimável, uma responsabilidade e um privilégio, tudo ao mesmo tempo. Ao contar histórias, temos o poder de tocar corações, provocar reflexões e inspirar mudanças. Através da escrita, exploramos os mais profundos recônditos da alma humana, expressando emoções que ressoam naqueles que nos leem.

Mais do que uma jornada profunda e repleta de significados, a arte da escrita transcende as páginas e ecoa nas vidas daqueles que a experimentam. Seja na posição do escritor, que dá vida a universos inteiros com suas palavras, ou do leitor, que se aventura em mundos distantes e vivencia uma multiplicidade de emoções, a escrita está intrinsecamente conectada ao bem-estar. Sem dúvidas, a literatura é um dos meios mais eficientes àqueles que almejam o reencontro com o otimismo.

* Publicou os romance “Para onde vão as borboletas à noite” e “Nada será como antes”. Participou de diversas antologias e recebeu menção honrosa no Prêmio Voo Livre de Literatura, na categoria conto. É idealizadora, curadora e mediadora dos encontros do Clube de Leitura de Autoras Contemporâneas -CLAC. Formada em Letras e especialista em Literatura Contemporânea.

Foto: Divulgação

Foto: jamarattigan.com

CLUBES DE LEITURAS

JORGE ANTÔNIO MENDES *

Novo Hamburgo/RS

Em tempos que Escritor e Leitor tentam, desesperadamente, não cortar as amarras que os prendem em formato de livros físicos, intensificam-se os Clubes de Leituras por aqui e por ali. Tal qual cavernas pouco frequentadas, estes Clubes, abrem suas entradas para abrigo dos transeuntes para, simplesmente, reforçar o hábito da leitura entre os arautos da Literatura. Esta mesma Literatura que se agarra com 'unhas e dentes' aos livros, mas, enfrenta a tecnologia com acenos sedutores da praticidade de um controle remoto. O tenaz leitor, sempre ali, seduzido pela oferta da imagem que, além de tudo, traz o som e quase não vê a saída para ir ao encontro do livro físico com suas páginas suplicando para que as leiam. Este mesmo livro tem poucas ofertas de compensação para substituir a tecnologia, mas, insiste em dizer que podem levá-lo para onde quiser e que fica bem mais difícil carregar uma televisão para lá e pra cá. Apelo que se torna inócuo diante de tanta oferta visual da atualidade.

Clubes de Leitura existem há décadas, somente lembrados por aqueles que insistem em mostrar que a Literatura vai sobreviver, quer queiram ou não queiram.

Entre os desafortunados leitores, já cansados de brigar com os que insistem em tirar o seu direito de ler, surgem alternativas como os Clubes de Leituras. E, entre conversas e mais conversas, estes clubes, trazem a sua exigência de que se não leram tal livro, terão que ler, pois, para os mais radicais, serão excomungados da face da terra. E tais Clubes, Regulamentados na informalidade e Constituídos no prazer que têm em comum, trazem em seus Artigos que Ler é importante e não faz mal a saúde. Seus afoitos leitores se juntam, tal qual numa Colméia, ditam regras e mais regras, mas, sempre envolvendo a Literatura e o prazer de ler.

Na convivência de um Clube de Leitura, alguns leitores trazem tatuagens nos pensamentos de que ter um Autor de predileção é o mesmo que ter um ídolo televisivo. Estes leitores, no caminhar de seus destinos, saem a procura de uma Biblioteca, encontram o aviso de que foi fechada para sempre e seus passos dirigem-se para o encontro no aconchego das Artes Literárias.

Clubes de Leituras, refúgio dos leitores perdidos no emaranhado de ofertas tecnológicas, dão abrigo aos leitores ávidos de comungarem com semelhantes que têm algo em comum. Alguns trazem seus livros lidos na memória, alguém em formato físico e outros num formato digital. Pouco importa, nestes Clubes, como foi lido tal livro, o importante é que tenha que sido lido. A atmosfera literária fica impregnada com sensações de algo em comum. E, assim do nada, algum espaço carente de afeto se transforma em um Clube de Leitura, informa suas regras, diz a que veio, transmite a sensação da convivência entre os iguais, diz ao Leitor que, se andar por aí e não encontrar parada para a convivência com a Literatura, a entrada está sempre aberta.

Foto: Divulgação

* É escritor. Autor dos Livros: A direção do olhar (Crônicas), Objetos de valor (Contos) e O Resgate das ilusões (Novela). E-mail: jorgemendes2017@hotmail.com

UM DIA MEMORÁVEL!

DORA LAMPERT *

Novo Hamburgo/RS

Sábado, dia 19 de agosto, saio cedo de casa e pego a estrada rumo à Igrejinha. Durante o trajeto, pela estrada da encosta da serra, vislumbro os morros em tons verdes muito escuros da mata cerrada que ainda existe ali, com os cumes parcialmente encobertos por generosas nuvens denunciando a chuva que remanescia da noite anterior. O céu límpido, por trás, anunciando um belo dia de inverno. Meu pensamento trazia uma pergunta: o que faz um bando de gente acordar cedinho num final de semana e ir encontrar-se num evento literário?

A cidade, colonizada por imigrantes alemães, tem esse nome por conta de uma pequena igreja construída em 1863. Banhada pelo rio Paranhana, nome cuja origem vem do guarani e significa "rio que corre ligeiro," tem destaque pela prática da canoagem e das grandes e coloridas festas celebradas oriundas da cultura germânica.

Mas onde entra um evento literário nessa história ?

Numa noite fria de inverno em pleno isolamento social imposto pela pandemia, no tenebroso ano de 2020, um grupo pequeno de inconformados teve a vontade de criar um veículo virtual para divulgar os escritores locais. Seria uma revista aberta à produção de novos talentos. Um meio de levar ao público o que tem sido produzido por quem não tem espaço na grande mídia. Foi sob essa premissa que surgiu a Paranhana Literário.

Seu editor, Doralino Souza, desde a primeira edição foi abrindo um caminho para difundir a literatura; a nova e a que já tem reconhecimento, colocando lado a lado escritores já consagrados e com longo trajeto, com quem inicia nessa caminhada. Uma porta aberta para todos os gêneros da arte.

Esse ano a Paranhana Literário completa três anos de existência/resistência e celebra com o I Festival Literário do Paranhana.

Para reunir escritores - apaixonados por livros – artistas e arteiros, músicos, comerciantes locais, entidades e incentivadores foi "um tapa"- em todos os sentidos. Um evento desse porte exige coragem e muita vontade.

O resultado dessa junção foi experimentado nesse dia lindo - amoroso - onde o sol colocou sua luz sobre todos os que estiveram presentes.

Nomear aqui todos que estiveram prestigiando esse evento seria impossível. Mas é preciso ressaltar a presença da AGES - Associação Gaúcha de Escritores – com Liana Timm (Presidenta da Associação), Manuela Lopes Dipp (Vice-presidenta administrativa), Maria Alice Bragança (Diretora de comunicação) e Neli Germano (Diretora de interiorização) trazendo o painel " A organização dos escritores do RS e a AGES".

A mesa onde os escritores divulgaram suas obras, foi longa, diversa e colorida pelas publicações expostas. As trocas de experiências nos painéis que aconteceram durante o dia, foram momentos altos e, o palco aberto à palavra, trouxe toda beleza que a poesia exala. Falando sobre os jovens que ali subiram para deixar suas falas, seria pouco dizer que a emoção tomou conta dos que presenciaram esses momentos. Nos deram a segurança de que os caminhos estão abertos às novas gerações e coroou o êxito desse dia.

Música não poderia faltar e foi o encerramento do evento com o II Rock no Parque.

Tudo, descrito assim, parece tão pouco comparado ao que experimentei nesse sábado. No meu retorno, passando pelo centro dessa pequena cidade, a rua margeando o rio ladeada por recantos onde pode-se sentar e apreciar a paisagem num final de tarde qualquer, tive a resposta aos meus questionamentos daquela manhã: tudo acontece por amor, é algo que somente quem ama palavras pode explicar e, como o nome do "rio que corre ligeiro" pede, que venha logo o próximo festival literário.

* Publicou seu primeiro livro de poesias RUÍDO SILÊNCIO e participou da antologia POETICOIA, ambos pela OIA editora, em 2022. Colaboradora no Jornal Timoneiro no Paranhana Literário.
Instagram @doralampert
doralampert1960@gmail.com

Foto: Divulgação

Por Doralino Souza

Foto: jamarattigan.com

NÃO ADIANTA CHORAMINGAR NA INTERNET

Hoje em dia é praticamente impossível querer divulgar uma carreira ou produto sem ter presença na internet. Essa ascensão revolucionou, também, o mundo da escrita. Autores independentes agora têm condições de publicar e compartilhar suas obras com leitores do mundo todo, eliminando a necessidade de intermediários tradicionais, como editoras e livrarias. Isso permite que escritores tenham controle total sobre suas obras e suas carreiras. Claro que isso exige trabalho e disciplina. Se por um lado houve democratização dos espaços de divulgação e publicidade, e até mesmo dos meios de produção, por outro lado a exposição fácil nessas plataformas requer cuidados para que o autor não acabe jogando contra si.

São várias as armadilhas existentes na internet, como por exemplo o desperdício de tempo, envolvimento em polemicas e cancelamento, desvio de foco, desmotivação etc. Mas quero aqui comentar de um ponto negativo em específico: **Choramingar na internet.**

É super compreensível que autores independentes ou iniciantes enfrentem desafios em suas carreiras, incluindo a busca por leitores e reconhecimento literário. No entanto, é importante destacar que se lamentar publicamente nas redes sociais pela falta de sucesso pode ter impactos negativos na imagem do escritor. Eu costumo dizer que, "se o cenário não está favorável, torne-o favorável" ou seja, não adianta só reclamar, é preciso buscar soluções, tentar, testar e não ser chato. Isso mesmo! Um autor que só reclama da sua caminhada fazendo das redes sociais um divã, acaba se tornando um chato.

Ao longo dos anos, e seguindo na minha linha de tentativa, erros e acertos, anotei alguns pontos referentes a esse assunto que, penso eu, devemos considerar:

Imagem profissional: As redes sociais são uma extensão da imagem de um autor. Lamentar constantemente a falta de leitores ou reconhecimento pode fazer com que pareça desesperado ou negativo, o que não é a imagem mais profissional.

Afugentar leitores potenciais: Os leitores em potencial podem ser afastados por uma presença online que se concentra excessivamente em reclamações. Eles podem preferir seguir autores que compartilham conteúdo mais positivo e inspirador.

Desmotivar outros escritores: O comportamento de lamentação nas redes sociais pode desmotivar outros escritores independentes ou iniciantes. Em vez de inspirar e apoiar colegas, pode criar um ambiente negativo.

Foco no errado: Concentrar-se demasiadamente na falta de reconhecimento pode desviar a atenção

Foto: jamarattigan.com

do escritor do que é realmente importante: escrever e melhorar suas habilidades. Em vez de lamentar, investir tempo na produção de conteúdo de qualidade é mais produtivo.

Alternativas Construtivas: Em vez de lamentar, os autores podem usar suas redes sociais para compartilhar seu processo criativo, dicas de escrita, resenhas de livros ou interagir com a comunidade literária de forma positiva. Essa abordagem é mais construtiva e pode atrair leitores e oportunidades.

É claro que não precisamos virar "coach literário" nem viver sorrindo acreditando que tudo é belo e maravilhoso, ou que para uma carreira literária deslanchar basta pensamento positivo. Eu realmente creio que indignação e inconformismo fazem parte da essência dum bom escritor. Eu também reclamo, também cobro das autoridades maiores políticas públicas para a cadeia produtiva do livro, mas não fico buscando culpados por eu ainda não ser famosão. O importante é encontrar maneiras de enfrentar os desafios e promover o seu trabalho. A comunicação bem-feita, o foco na produção da tua escrita e a interação com a comunidade literária são abordagens mais eficazes para alcançar o reconhecimento desejado.

E afinal, já que estamos nesse jogo, de regras duras e adversários robusto, vamos jogar mostrando toda nossa capacidade.

Foto: jamarattigan.com

* Escritor e ativista cultural. Jornalista com especialização em Educação, Cultura e Diversidade. Idealizador e editor da Revista Paranhana Literário e Repórter Cultural da Rádio Arteviva. Autor dos livros Enquanto espero o troco do café (2023) Dentes no copo de uísque (2019) O cânion de dentro (2016) e Anjos Também Usam Boné (2014). Tem participação em diversas antologias e premiações literárias.

Foto: Divulgação

O QUE SER ARTISTA TEM A VER COM ISSO?

Desde que comecei a transitar entre tribos, artes e culturas brasileiras eu me deparo com o mesmo desafio: humanos inseguros.

Somos tão inseguros que criamos barreiras convictas de certeza para nos separar das pessoas. Criamos motivos covardes para separar e fazer da mesma forma que Hitler fez: segregar pessoas. Escolher. Fazer o outro se sentir diminuído com comparações e chek list para entrar no clube osseparatista.com.br

Eu sei que ser artista é bem diferente de amar a humanidade. MAS NÃO QUERIA QUE FOSSE. Porque um significa eurocentrismo, o outro significa: redenção coletiva.

Quase o oposto, mas não, eles têm algo em comum: a expansão da consciência.

Tem como tirar o – eu - do centro da discussão? - Indagou a Psicanalista Maria Homem - Para artistas, não. Para quem ama a humanidade, sim.

Um artista trabalha para si mesmo para ser melhor, seja por motivos de ego ou de amor em sua prática. Alguém que ama a humanidade trabalha pelos dois motivos, ainda mais o segundo, porque realmente amar a humanidade hoje em dia não tá compensando em nada socialmente, nenhum biscoito é adicionado na vida de quem serve o social por acreditar que a arte vai salvar o mundo.

Já sabemos que a recompensa é uma frieza tremenda de quem não conhece o amor. Inclusive percebo nos ambientes que transitei, que quanto mais preservado, mais valorizado o artista se torna.

Vi almas bonitas nesses territórios. Vi gente sem vaidade, falando verdades e tão bem alinhadas com a estética que o moderno aceita, vi eles no topo do mais adorado.

Eu escuto nas conversas que no mundo de hoje está difícil… difícil… mas quando pergunto o que? O que está difícil? Cita três exemplos, elas generalizam como se fossem a voz massificada de quem aceita tudo que escuta e não procura em si, verdades originais do que pensa do mundo. É realmente difícil dialogar com quem não investiga seu interior e faz do mundo algo distante de si. Você é o reflexo do seu mundo. Mas o óbvio não existe na cena artística Underground. Muito menos na cena de produção cultural regida pelo estado burocrático brasileiro.

Daí me questiono: qual o papel da arte nisso tudo?

Foto: Divulgação

A lírica das ruas me ensinou o poder da palavra, da sintonia, do respeito, do escutar, mas quando saio pra unir pessoas para seguirmos na mesma direção, encontro tantas inseguranças e barreiras que fico me perguntando, como assim? O que ser artista tem a ver com isso? Nada. Arte é inclusão, permissão para viver mais poeticamente, ver a beleza. Permissão para usar lentes de aumento fantástico. Ser surreal, mesmo que dure 3 minutos, enquanto eu recito uma poesia. Mas, por aqui, todos parecem dormir num sono pesado com sonhos esquisitos.

Alguém me diz como curar humanos inseguros?

Vamos curar nossas inseguranças para ser um coletivo amoroso e de encontros culturais diversos. Porque todo artista quer ser ouvido, reconhecido, visto, lembrado, valorizado, quer ser coletivo - aceitando - para si mesmo a necessidade de sua alma...

Brilhar, brilhar, brilhar.

Como fizemos na primeira edição do Festival Literário do Paranhana, que rolou dia 19 de agosto em Igrejinha. Foi lindo demais ver os painéis literários, oficinas e os escritores nas bancas vendendo seus livros. A literatura brilhou com o esforço do nosso coletivo, me senti honrada em fazer parte disso. A Lírica das Ruas continua de olho no movimento de poesia falada do RS, que está com as energias a flor da pele nas finais municipais selecionando os slammers finalistas do RS. Nomes de poetas como DKG. Dekilograma, Poeta Desperta, Afro Bleck MC, Agnes já garantiram sua vaga na final estadual de 2023. A final vai acontecer em POA e para acompanhar de perto segue lá o @slamcinexoes_rs, que são os Slamaster responsáveis pela final de poesia falada do RS.

O movimento de poesia falada na Serra Gaúcha segue firme agora levando sementes poéticas e viscerais da poesia nas Escolas de Gramado. A ideia é fazer um grande encontro na 26º Feira do Livro de Gramado, que vai acontecer em outubro. Além de Slam Poesia terá minha participação com performance poética e painéis literários. Se organiza para vir, é do dia 06 ao dia 15 de outubro no Lago Joaquina Rita Bier.

Gostou da minha escrita e quer ver mais de perto como a poesia pode te inspirar diariamente? Siga meu perfil no instagram @poeta_jesss, ventos de carinho Jéss.

Foto: Divulgação

Foto: Divulgação

Foto: Divulgação

Foto: Divulgação

* Jessica Rodrigues mora em Canela/RS. Militante cultural. Atriz. Produtora cultural e contadora de história. Durante um mochilão, lançou o e-book independente “ A Viagem é a recompensa”.

A ELA

VALTER RIBEIRO *

Igrejinha/RS

Em teus verdes olhares
enredo-me tal qual
os pobres gregos
a mercê de ninfas douradas.

Em teus lábios
provo do néctar de Afrodite
embriago-me do amor
que Camões versou.

Ao teu toque
elevo-me ao Panteão
sou Zeus, Apolo, Poseidon
sou brasa, furor e furacão.

Teu sorriso gracioso
é como o brilho do sol
faz minha vida um gozo
põe na minha tempestade um farol.

À tua face de traços finos
entrego carícias e mimos
repouso meus cândidos beijos
e revelo meus áureos desejos.

Amo-te da aurora ao luar
Amo-te entre a lua e o sol
Amo-te não de um simples amor...

Amo-te como Poeta!

Foto: Divulgação

Formado em Letras – Português e suas respectivas Literaturas. Poeta, ativista cultural, militante do Livro e Leitura e um dos editores da revista Paranhana Literário. É professor, resenhista e membro fundador da Associação Lítero Cultural Igrejinhense (ALICI).

A NÁUSEA

MAURO ULRICH *
Santa Cruz do Sul / RS

Acordou injuriado.
Tomou café
e veio a náusea;

um cigarro
mentolado
e náusea;

creme dental,
enxaguante bocal,
o noticiário local,
e náusea.

Talvez um pouco
de ar fresco...
Uma brisa
que o restabeleça.

Abriu a porta da frente
e sentiu algo pegajoso,
como
se toda
a cidade
vomitasse
sobre
a sua
cabeça.

Foto: Divulgação

* Poeta e jornalista, editor do jornal literário Sarau. Participa de antologias e tem vários livros publicados, entre eles, "Cellophane Flowers" (2011, Editora Gazeta); "Trinta e seis - Fotos e Poesia" (2013, Editora Gazeta); "Sleeping bag" (2015, Ediotra Gazeta); e "Stupidman" (2022, Editora Vírtua).

O poema que aqui apresenta é inédito, novinho em folha, feito exclusivamente para esta edição da Revista Paranhana.

mauroulrichsarau@gmail.com.

PARANHANA LITERÁRIO EM EVIDÊNCIA

GERALDO ANTÔNIO BOTH*

Parobé / RS

O Paranhana Literário
É um excelente documentário
Em formato digital
Nasceu em meio a Pandemia
Para tornar-se a companhia
Da cultura regional.

Prosa, conto e poesia
Entraram em sintonia
Por poetas e escritores
E a revista tornou-se um canal
E o conteúdo sendo especial
De diferentes valores.

E poder ter meu registro em poesia
Causou-me uma grande alegria
Na edição do 3° aniversário
Sempre serei um apoiador
Porque a cultura para mim tem muito valor
Como sempre teve ao longo do meu itinerário.

* É escritor e locutor de rádio. Autor do livro de poesias, 'Nos trilhos da memória. É imortal da Academia de Letras dos Municípios do RS e membro fundador do Coletivo de Escritores do Vale do Paranhana.

Foto: Divulgação

TRAVESSÃO

SILVIO TREIN *
Três Coroas / RS

Eu vi um novo homem
Atravessando a escuridão
Era uma nova estrada
Com novas caras sem multidão
Seguia com passos fortes
Fugir da morte era a intenção.

Mas algo estranho apareceu.
Revelando aquilo tudo que temeu.

Um estampido solto rasgando o breu da solidão
Fez o novo homem estupefato cair no chão.
Era uma vez um sonho, uma alegria, um coração
A Vida pregou a peça
A realidade deu o empurrão.

E foi uma nova vida que se perdeu
Não entendendo bem o que aconteceu.

E tem um novo corpo lá no fundo no Travessão
Na volta tanta gente esperando consolação
E foi o novo homem um engano da facção
Mas o líder pediu desculpas:
Foi mau irmão!

E agora o que restou do cidadão
Foi uma flor no túmulo
E uma coroa de benção.

* Funcionário público dos Correios. É poeta do cotidiano e observador da arte complicada de viver. Apresenta o programa É cultura, na TV Verde e é autor do Livro “Em Uma Cidade Fictícia.”

Foto: Divulgação

BAJO LA LUNA

MARIA ALICE BRAGANÇA *
Porto Alegre /RS

Uma mulher caminha só
nas ruas de Porto Alegre,
o coração nos tímpanos.

Una mujer camina en las
calles de Santiago de Chile.
Solo la luna la ilumina.

Uma mulher caminha
na rua em Cabul.
À luz da lua,
o medo dá vida às sombras.
De qualquer arbusto,
uma ameaça.
É século 21.

Una mujer camina
en Bogotá, Colombia.
Uma mulher caminha.
Ella no desiste.
Ela insiste.
Las mujeres siguen.

Uma mulher, na rua.
Una mujer, en la calle,
bajo la luna.

A caminhada da mulher
ainda é um susto.

* Poeta e jornalista. Mestre em Comunicação Social pela PUCRS e professora universitária aposentada. Publicou os livros Quarto em quadro (Shogun Arte, 1986), Cartas que não escrevi (Casa Verde, 2019) e Misterioso pássaro - haicais (Bestiário, 2021). Integra o coletivo Mulherio das Letras e os coletivos Enluaradas e Feminino Infinito. É diretora de Comunicação da Associação Gaúcha de Escritores (AGES).

Foto: Divulgação

ÍGNEO

ALINE BISCHOFF *
Osasco / SP

Teu olhar ígneo me enleia,
Dele não consigo escapar,
Em minha alma chama ateia,
Inconcebível de explicar.

Teu riso constante a me iluminar,
Faz todo meu íntimo se desfazer,
Como ondas na praia a arrebentar,
Na serena alvorada do meu ser.

Teu toque firme e enérgico,
Vem minha estrutura retesar.
Reconheço que tu és o único,
Por quem me deixo dominar.

Teu eu magnético me rege,
Tal como o luar ao mar.
Teu peito me protege,
Seguro a me acalentar.

Como as areias do deserto,
Carregadas pelo vento,
Tu me conduzes decerto,
Rumo ao firmamento.

E nesse céu estrelado,
De mãos dadas contigo,
Somente ao teu lado,
Encontro maior abrigo.

Foto: Divulgação

* Possui obras no Brasil e exterior, através de blogs, revistas, jornais, coletâneas, antologias. Participa ativamente de concursos e festivais, com diversas distinções e premiações. Foi embaixadora da Rima Jotabé no Brasil no ano de 2021. É colaboradora oficial do blog de produção textual Escrita Cafeína.

VIM NO INVERNO

ADRIANE GONZALEZ MICHEL *

Porto Alegre / RS

Eu vim no inverno
(E isso é só para os corajosos)
Cheguei no inverno
numa tarde
de um ano
de pouca liberdade
Vim num ano difícil
de final de década
em tempos sombrios
Cheguei num tempo
de muito frio
de muitos nãos
de poucos sins
de muita sombra
e pouca luz
muita prisão
e pouca liberdade
Eu vim
num mês de inverno
num ano de inverno
numa década invernal
E muito do que sei
é de inverno
Pouco sei do verão

Foto: Divulgação

* É graduada em Psicologia e em Filosofia. Participou de coletâneas de poemas e uma de contos. Em 2022, publicou seu primeiro livro de poesias: “Essência”. Começou a escrever poesias aos 17 anos. Iniciou a escrita de contos em 2019.

POETIZEI

MARIA ALAIDES DA COSTA *

Igrejinha / RS

Poesia e estar envolvida
Com o som da minha alma
E ouvir o canto dos passarinhos
Poesia e viver a vida.

Poesia e minha inspiração
Minha imaginação
E sentir o vento no meu rosto
E carregar dentro do meu peito
Um coração enorme
Que bate forte
A todo tempo.

Poesia pra mim
E o embalo pra felicidade
E aconchego, ternura e cumplicidade
É o poema mais lindo
Que meu coração desenhou
E gratidão pela vida
Que Deus me deu.

Foto: Divulgação

* Tem poemas publicado em antologias, foi vencedora de concursos literários e é membro fundadora da Associação Litero Cultural Igrejinhense – ALICI- Entre os projetos idealizados está a publicação do seu livro de poesias.

MONIQUE E OS LIVROS

Foto: Divulgação

Tudo começou de forma bem simples; com ela escrevendo no Instagram@moniqueeoslivros sobre os livros que havia lido. Só que suas resenhas chamaram atenção e logo, essa especialista em Diálogos entre a Literatura e a História do Rio Grande do Sul, se viu resenhando para os jornais Folha Patrulhense, Folha de Cachoeirinha e no Jornal de Gravataí (todas cidades do RS). Além disso, na Rádio Itapuí, ela dá dicas de leitura, toda terça-feira, durante o programa "Tá na Mesa". Natural e moradora de Santo Antônio da Patrulha/RS, Monique também é estudante de psicanálise e artesã. Vice presidente do Grêmio Literário, ela tem poemas publicados no "Poesia na Praça" e contos e crônicas no "Prosa na Varanda 7", ambos antologias organizadas pelo Grêmio Literário Patrulhense. Além deles, tem crônica saindo na antologia "Nós – textos de autoria feminina", da OffFlip do RJ, e um capítulo que discute psicanálise e literatura, no livro "Psicanálise Contemporânea: clínica, cultura e sociedade", em pré-venda pela Zagodoni. Sobre seu trabalho de divulgação de livros e autores, ela comenta que sempre gostou de ler e escrever sobre suas impressões de leituras, "É difícil entender o fato de que há pessoas que não gostam de ler, é um mundo tão mágico em cada página! E, às vezes, o que falta é só um empurrãozinho. Por isso, desde as primeiras resenhas, meu maior cuidado é nunca contar a história inteira, ou dar algum spoiler. A intenção é deixar a pessoa que me lê (ou ouve) com vontade de conhecer aquela história e, quem sabe, assim, surgirem novos leitores por aí."

Quais são os veículos onde divulgas os livros e como isso iniciou?

Comecei postando no meu Instagram, @moniqueeoslivros. Escrevia resenhas um pouco menores que o padrão, já que o espaço do Instagram é limitado e o tempo de todos nós, hoje em dia, é mais disputado também. Achei que, em formato menor, poderia incentivar o leitor de forma mais fácil. Acho que deu certo. Quando comecei a resenhar para os jornais, o diretor achou interessante que mantivéssemos esse tamanho. As resenhas são semanais e o mesmo texto é divulgado na Folha Patrulhense, na quinta-feira, e na Folha de Cachoeirinha e no Jornal de Gravataí, nas edições de final de semana. Já na Rádio Itapuí, entra uma dica de leitura diferente da dos jornais, toda terça-feira, durante o programa "Tá na Mesa". Se você me permite, aproveito para agradecer publicamente ao Moacir Menezes, da Folha Patrulhense, e ao Rodrigo Portal, da Rádio Itapuí, que fizeram e fazem esses espaços serem possíveis pra mim.

Como tu escolhes os livros que irás resenhar?

Para os jornais, eu tento manter a mesma lógica do Instagram, escrevendo sobre a maioria dos livros que eu leio, na ordem em que vou acabando as leituras (eu leio vários livros ao mesmo tempo); mas alguns poucos, normalmente os mais teóricos, eu prefiro não resenhar. Para o rádio, o processo é diferente, e eu normalmente vou para frente da minha estante de livros e penso qual daquelas histórias seria mais interessante ouvir alguém contar sobre.

Como tu vês a cena literária local e regional?

Eu vejo a nossa literatura com otimismo. Há bons escritores sendo publicados, há pessoas que vão, diariamente, perdendo o medo de escrever, e esse processo é muito importante também. E, além disso, a literatura de modo geral tem ganhado mais espaço, o que é definitivamente o começo de tudo. Sem leitores, não existem escritores.

Foto: Divulgação

Existe espaço para os novos autores, principalmente os da região ou autores ligados as grandes editoras ocupam todos os espaços?

Eu acho que as editoras maiores ainda dominam o mercado. Mas, com a tecnologia e as redes sociais, isso mudou um pouco. Hoje, há a possibilidade de autores publicarem suas obras de forma independente ou em antologias colaborativas e até mesmo na versão digital, de forma gratuita. E também por isso, falar de literatura se torna importante, porque podemos, enquanto leitores, inserir os novos escritores nessa conversa, de forma mais igualitária.

E desses livros todos que já lestes, qual mais te emocionou?

Ahh, a pergunta que eu mais temia! Muito difícil! "O Pequeno Príncipe", do Exupéry, sempre vai ser citado por mim, esse é o meu queridinho desde a adolescência. E, depois de adulta, com certeza foram "O viajante do século", do Andrés Neuman, e "Com armas sonolentas", da Carola Saavedra. Esses três livros me marcaram muito.

Foto: Divulgação

E quais os novos projetos, tanto da autora quanto da resenhista?

Ah, com certeza o maior deles é continuar praticando. Escrever é um projeto de vida, não tem fim. Também estou muito empolgada com essas publicações que saem ainda neste ano e pensando nas próximas. Quem sabe no futuro não aconteça um livro publicado? Já a parte de mim resenhista deseja apenas ter mais tempo para ler e falar sobre livros. Mas isto nem é um projeto, é o sonho de todo leitor.

ACOMPANHE NAS REDES SOCIAIS

www.radioitapui.com.br

https://www.facebook.com/programatanamesaradioitapui

https://2mnoticias.com.br/

www.facebook.com/moniquecrodrigues

Por Heleno Jr *

SUPERMAN -
A REFORMULAÇÃO DE JOHN BYRNE - PARTE I

Foto: Divulgação

A reformulação do Super foi um dos legados da mais famosa saga não somente da DC Comics, como de toda a história dos quadrinhos, a Crise Nas Infinitas Terras, de 1985.

Esse ano, mais precisamente em abril, o maior super-herói dos quadrinhos comemorou seu 85° aniversário de criação e publicação. Embora um tanto tarde, essa coluna não poderia deixar de reconhecer e homenagear a data e para isso, nada melhor que trazer uma resenha a respeito daquela que é considerada como a maior reformulação que o personagem já viveu. Pela sua importância, irei dividir a resenha em 3 atos, apresentando a concepção e alguns detalhes do arco dividido em 6 partes que praticamente ditou os elementos que a partir de então seriam canônicos na história do Super-Homem, seguido pelo desdobrar do trabalho do responsável, o John Byrne, concluindo com sua saída do título.

1° Ato: A concepção e a história de: O Homem de Aço

A reformulação do Super foi um dos legados da mais famosa saga não somente da DC Comics, como de toda a história dos quadrinhos, a Crise Nas Infinitas Terras, de 1985. A saga não só comemorou na época, os 50 anos da editora, como teve a missão de rebootar o universo DC, que até então era marcado por uma cronologia confusa por conta de seus inúmeros multiversos. Com a sua conclusão, houve uma reformulação nesse universo, que foi praticamente zerado e boa parte de seus personagens tiveram sua cronologia apagada e reiniciada. Entre eles estava justamente o Super-Homem, que em breve iria completar 50 anos de criação. A cúpula da DC contratou na época, alguns pesos-pesados para reiniciar seus personagens, e quem ficaria responsável pelo herói seria o roteirista/desenhista John Byrne. Byrne tinha um senhor currículo. Era um dos grandes nomes por trás do sucesso de X-Men e Quarteto Fantástico, da Marvel. Considerado um astro das HQs, seu talento era incontestável. Sob sua tutela, os personagens mutantes estrelaram clássicos grandiosos e se tornaram campeões de vendas. Ninguém era mais referenciado para recriar o Super-Homem do que ele.

Inicialmente, John concebeu um arco em 6 partes, onde ele recontava os primeiros 30 anos do Super, desde sua origem em Krypton até assumir sua identidade de super-herói. Essas 6 partes constituem a saga: O Homem de Aço.

Foto: Divulgação

Inicialmente, John concebeu um arco em 6 partes, onde ele recontava os primeiros 30 anos do Super, desde sua origem em Krypton até assumir sua identidade de super-herói. Essas 6 partes constituem a saga: O Homem de Aço. As primeiras decisões de Byrne foram radicais. Primeiro: em sua concepção, o herói seria de fato, o único sobrevivente de seu planeta-natal, Krypton. Não haveriam mais personagens como Krypto, o supercão, a Supergirl, prisioneiros da zona fantasma ou a cidade engarrafada de Kandor, elementos mitológicos. Nem mesmo sua versão juvenil, o Superboy. Clark assumiria sua versão heroica, já adulto. Outra decisão, foi a redução dos seus poderes. Nas eras de ouro e prata, o Super-Homem era quase um deus, seus vilões eram vencidos com extrema facilidade. A diminuição desses poderes tornaria o personagem mais crível e igualaria os confrontos com os super-vilões. Outra decisão acertada, foi encontrar explicações científicas para seus poderes e como eles beneficiam o personagem.

O primeiro capítulo apresentou os 20 anos iniciais. É interessante acompanhar as entrevistas que o John deu, falando das ideias e decisões para essa reformulação. Byrne se dizia incomodado pelo fato de que em versões anteriores do Super-Homem, ele se referia mais ao seu planeta e sua cultura, do que ao planeta que o adotou; a Terra. Era inconcebível para o quadrinista, o personagem demonstrar essa ligação, visto que ele foi enviado recém-nascido, praticamente sem lembranças ou raízes de sua herança alienígena e portanto, não deveria cultuar tanto assim seu planeta de origem, visto que ele cresceu como terráqueo, independente de seus enormes poderes.

Com essa ideia, Byrne fez a sua concepção de Krypton, cuja civilização era tão a vançada que, com o tempo, ficou desprovida de sentimentos. O planeta tornou-se estéril, e até mesmo a reprodução dos kryptonianos, não ocorria de "forma natural", mas em laboratório. Em suma, Krypton era um planeta que o terráqueo Clark Kent não faria muita questão de idolatrar, ele merecia ser destruído. John também modificou a causa da destruição. Em versões anteriores, foi uma reação em cadeia no sol vermelho que banhava o planeta, que culminou no seu fim. Na sua ideia, o que ocorreu foi uma pressão no núcleo de Krypton. Um mineral desconhecido havia se fundido com o núcleo e a radiação estava eliminando seus habitantes e posteriormente causaria a destruição. O roteirista, então, criava versão nova para a Kryptonita também. A história dá um salto no tempo e encontramos Clark Kent, um adolescente dotado de magníficos poderes, mas sem explicações de como eles surgiram ou o que ele realmente é. Acompanhamos então um flashback, onde testemunhamos o momento que o casal Jonathan e Martha Kent encontram a nave que o trouxe ao nosso planeta. É bom frisar que no prelúdio em Krypton, Jor-El esclarece que havia decidido enviar o filho, justo para os Estados Unidos, ele simplesmente não lançou o foguete rumo à Terra e ele convenientemente caiu nos States. O cientista há tempos pesquisava e monitorava nosso planeta, e sabia que os efeitos do sol amarelo concederiam grande poderes ao rebento. Essa sequência mostra que os poderes de Clark começaram a surgir na infância e de forma lenta foram se manifestando à medida que ele atingia a puberdade. Com isso, o John eliminava a possibilidade dele assumir a identidade do Superboy, que em versões passadas, ocorreu quando ele deveria ter uns 15 anos.

Ao compreender que seus poderes devem ser utilizados para um bem maior, Clark se despede de seus pais e ruma pelo mundo, para se fazer presente de forma discreta e sigilosa, realizando proezas de acordo com a necessidade de suas intervenções. Após um longo período agindo dessa forma, o reencontramos já adulto. Após ser obrigado a se revelar ao mundo para evitar um desastre com uma nave da Nasa, sem saber como lidar com a situação, Clark se refugia junto aos pais, e vem deles a ideia de construir uma outra identidade e confeccionar um uniforme para quando for necessária sua intervenção. Surge assim o Super-Homem. Outro acerto de Byrne foi manter os pais de Clark ainda vivos, quando ele assumisse sua identidade já adulto. Ele também, de uma cartada só, deixou claro que a verdadeira identidade sua era Clark Kent, Super-Homem é que era o seu disfarce.

Na segunda parte, acompanhamos as primeiras ações do herói, em Metrópolis. No arco inicial, ele já havia esclarecido que morava na cidade e fez dela sua base de operações. Lois Lane também foi introduzida naquele arco e nesse segundo, ela tem uma participação muito maior. A nova Lois era uma mulher de personalidade forte e carismática, não seria meramente a figura que deveria ser sempre salva. Nesse arco, os atos do Super-Homem despertam a atenção do mundo e todos querem uma entrevista. Lois persegue o herói de forma incansável até finalmente conseguir conversar com ele, mas o arco é finalizado com Clark conseguindo se empregar no Planeta Diário, justamente por fornecer uma entrevista com seu alter ego. Com isso, criava-se uma rivalidade com a Lois, até então, estrela do jornal. Também vale destacar a personalidade do novo Clark Kent. Byrne o concebeu não mais como um jornalista tímido, abobalhado e trapalhão, típico caipira de versões anteriores. Seu Clark era mais confiante e seguro, se tornaria um ás das reportagens e seu interesse romântico não se limitaria só à Lois, outras personagens também se interessariam por ele. Mas Byrne fez questão de explorar a competitividade e a tensão sexual entre ambos. Em suma, ele era mais humano e atraente que suas versões passadas.

Na terceira aventura ocorre o primeiro encontro entre duas lendas da DC: o novo Super-Homem se encontra com o novo Batman, que por aquele período, também estava sendo reformulado na saga: Batman:Ano Um. Na história, o homem de aço vai até Gotham, com o intuito de capturar o homem-morcego e o entregar às autoridades.Prevendo o encontro, Batman tomou suas precauções. Ele afirma ao Super, estar protegido por um campo de força, que se for rompido causará a detonação de uma bomba, que eliminará alguém em algum canto. A contragosto,Super-Homem acaba se aliando ao Batman, para impedirem uma vilã psicopata.No fim do caso, o herói é obrigado a aceitar que Batman é um mal necessário e se surpreende quando ele revela que a tal bomba estava todo o tempo, no seu cinto. O encontro deixa claro que naquele momento, existia entre os personagens, um respeito mútuo, eles não eram mais aqueles grandes amigos de versões passadas.

O quarto arco introduziu o maior vilão da galeria do Super-Homem:Lex Luthor. Uma das maiores modificações nessa reestruturação da mitologia do homem de aço, foi a nova versão do Lex. Antes retratado como um cientista maluco, sempre buscando realizar algum plano mirabolante para roubar ou se apoderar de algo ou chantagear alguém, nessa versão ele era um bilionário de intenções duvidosas, dono de uma das maiores empresas do mundo, a Lexcorp. Considerado um dos homens mais ricos do mundo, Lex se acha "dono" de Metrópolis e seu habitante mais poderoso, além de possuir uma queda pela Lois que simplesmente o detesta. Essa versão, na verdade, não veio unicamente do John. A ideia surgiu do roteirista MarvWolfman, também responsável por algumas ideias vistas na reformulação e que produzia, paralelo ao Byrne, outras aventuras com o herói, visto que, por aqueles tempos, o Super era publicado em 3 títulos diferentes nos Estados Unidos.

A dualidade entre os personagens foi muito bem orquestrada por Byrne. O homem de aço era um extraterrestre que simbolizava a melhor que a raça humana poderia ser, enquanto Lex representava o seu pior. E ele tinha o poder da influência de seu nome e seus ilimitados recursos financeiros. Nesse arco, após colocar a vida de muitas pessoas em perigo, unicamente com a intenção de ver o herói em ação, Lex acaba indo preso, mas não passa muito tempo na cadeia. Inconformado e com o ego ferido, ao saber que Metropolis agora reverencia o Super-Homem, ele cria um ódio indescritível pelo herói, e jura o eliminar, não importa de que forma.

Na história seguinte, Lex tenta clonar o Super-Homem e ter um ser superpoderoso ao seu serviço. Na história anterior, ele tentou colocar o herói na sua folha de pagamento, alegando que "todo mundo que é alguém, trabalha para ele". A recusa foi mais um dos motivos da rixa entre os dois. Mas o experimento com o tal clone acaba dando errado, porque o cientista responsável não conseguiu identificar o DNA alienígena do Super e o corpo do clone começou a rejeitar o material usado, se deteriorando e ficando assim, uma cópia deformada e bizarra do herói, mas com todos os seus poderes. O tal clone, concebido no Japão, não se sabe como, pois o roteiro não explica, acaba indo parar em Metropólis e o Super-Homem é obrigado a enfrenta-lo. No embate, ele leva a pior, pois não estava acostumado a enfrentar um ser superpoderoso também. Nessa história, Byrne deixou claro que o personagem já não era mais tão poderoso como em épocas passadas. Uma característica do Super-Homem de Byrne, foi justamente o fato que, em muitas ocasiões, ele iria levar desvantagem contra seus adversários:iria apanhar, sangrar e até correr risco de vida.

A história que fechou o arco, foi uma visita ao passado do novo Super-Homem. Não teve vilões ou qualquer ameaça que o obrigasse a usar seus poderes. Clark retorna a Smallville para visitar seus pais e tem um encontro com uma projeção holográfica de seu pai biológico, Jor-El, que finalmente revela sua origem kryptoniana. O herói toma conhecimento de sua real origem, a cultura e o legado de sua raça. Ao mesmo tempo, ele reencontra sua paixão de adolescência, Lana Lang, a única a quem ele revelou seus poderes, ainda no primeiro arco. É bom frisar que nessas 6 primeiras aventuras, Byrne sutilmente homenageou o clássico Superman- O Filme, de 1978, introduzindo cenas e detalhes que fazem referência direta àquela produção.

Foto: Divulgação

*Heleno Junior Mora em Caruaru/ Pernambuco. É Formado em contabilidade e aficionado por cinema, quadrinhos e cultura pop, consome, estuda e pesquisa o tema, tendo colaborado por 4 anos com o Blog Infinitamente Nosso.

Foto: Divulgação

Paola Marina Pessoa *

AS VEZES CHOVE

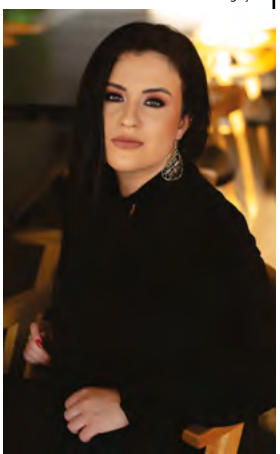
Foto: jamarattigan.com

Às vezes chove. Não chove todos os dias, mas inevitavelmente, às vezes chove. No fundo, todos sabemos que a chuva é importante para uma série de coisas e feliz ou infelizmente, às vezes chove… E quando chove, apesar de sabermos a importância da chuva, o dia fica cinza, acabamos nos molhando, as roupas não secam, os sapatos ficam embarrados, simplesmente porque choveu. No geral costumo gostar de dias de chuva, porém, ultimamente tenho pensado constantemente ao sair de casa, em quão gelado será o banho de chuva que tomarei até chegar no trabalho. Em um destes dias, acabei me dando conta de que de certa forma, em alguns momentos, a chuva sempre me incomodou, então isso não começou agora, agora eu apenas me permitir notar…

Notar que também me molho e que não gosto de ficar gelada, que as minhas roupas também não secam, que os meus sapatos também embarram e que assim como as outras pessoas, também posso sentir falta do sol. Às vezes é necessário reconhecer que em determinados dias, não existem filtros que possam nos salvar, que o cansaço também nos afeta e que as noites mal dormidas nos fazem falta… De todas as coisas difíceis de serem percebidas, acabei por notar que em alguns momentos, o difícil não é enxergar a beleza das coisas, é aceitar suas imperfeições, suas feridas, seus problemas, suas falhas… Às vezes a necessidade não é de dar mais de nós mesmos, é aceitar que já demos muito… Em alguns momentos a grande superação é aceitar que precisamos descansar ao invés de continuar. É inegavelmente incrível amar a beleza, mas é realmente genuíno, amar a humanidade; aceitar os dias de chuva, reconhecer o frio dos pingos gelados e a falta que faz o sol… Mais cedo ou mais tarde, todo mundo vai se molhar e quando acontecer, abrace seus pingos, mas reconheça o incômodo e principalmente, agradeça se ao olhar para o lado, perceber que há mais alguém na chuva com você.

* Colunista, advogada, mestranda, pós-graduada e autora de artigos e capítulos de livros científicos. Mora em Porto Alegre/RS

Foto: Divulgação



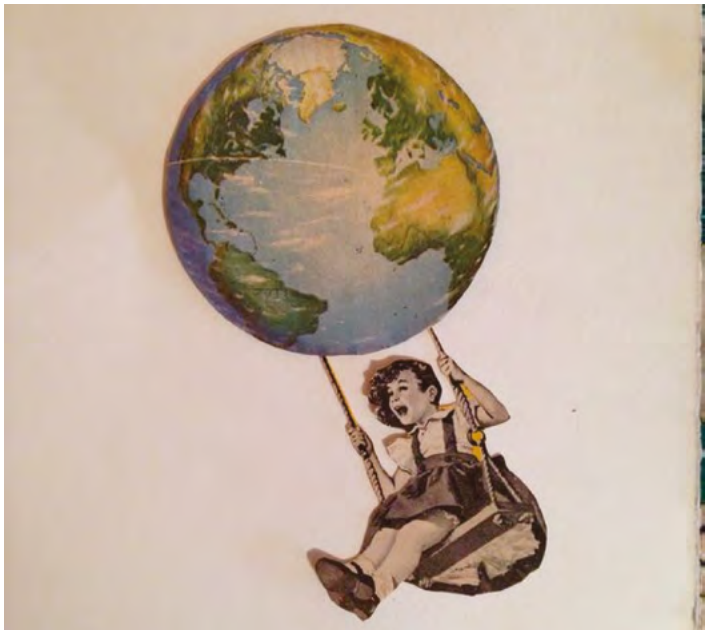


Foto: jamarattigan.com

ADEREÇOS E PERSONAGENS

LUCIANA KONRADT *
Porto Alegre/RS

No "Poema em linha reta", Fernando Pessoa, na voz de seu heterônimo Álvaro de Campos, nos fala da repulsa pelo homem "Ideal". Anton Tchekhov, no magistral conto intitulado "Um homem extraordinário", nos apresenta o personagem Kiriákov, que provoca medo e ódio na parteira Mária Pietróvna, por ser, nas palavras da esposa parturiente, "honesto, justo, ponderado, sensatamente econômico, mas tudo isso em dimensões tão extraordinárias, que os simples mortais se sentem sufocados".

Não raro, nos deparamos com tipos assim. Pessoas quase irreais, que parecem emergir das páginas de um livro. A clássica figura de aparência irretocável e vida adjetivada, incapaz, como no poema, de confessar "uma infâmia" ou "uma covardia". Incapaz, provavelmente, de rir de si mesmo. Ou, pior ainda, aquele ser "extraordinário" a distribuir, sorridente e sem que lhe peçam, suas verdades absolutas sobre todos os assuntos. Se tipos assim eram retratados como enfadonhos no final do século 19, imagine o leitor, nos dias atuais, em que a comunicação instantânea multiplica, em segundos, toda a sorte de baboseiras.

Na grande vitrine da vida, criamos belos personagens. Hoje, como outrora, nos ambientes reais e virtuais, faz parte da natureza humana, mostrar-se da melhor forma possível. Recordemos, aqui, que a palavra pessoa tem sua origem na expressão latina "persona", a máscara usada pelos atores no teatro clássico. Esse ato de "personalizar-se", todavia, poderá ou não traduzir nossa essência. Escolher o que vamos revelar ao mundo; se seremos autênticos ou não; se nos apresentaremos como seres perfeitos ou humanos de carne, ossos e imperfeições fará toda a diferença. Porque, por baixo dos adereços, haveremos de reconhecer alguém real ou, como o poeta, teremos de perguntar: "Arre, estou farto de semideuses! Onde é que há gente no mundo?"

* Jornalista, advogada e escritora. Tem contos e crônicas publicadas em sites e no jornal Diário Popular. Participou de diversas antologias. Participa de grupos de discussão literária e integra a Associação Gaúcha de Escritores.

Foto: Divulgação

Foto: jamarattigan.com

EU NÃO ENTENDO

CRISTIANO FRETTA *
Porto Alegre/RS

Existem várias coisas na vida que me causam espanto. A vastidão do universo, o cérebro humano, a moda dos crocs e o bluetooth são algumas delas. Sinto-me uma formiga tentando entender física quântica quando, por exemplo, tento imaginar de que forma a música que toca no meu celular consegue ser reproduzida – sem um fio, como é possível!? – nos autofalantes do meu carro.

Da mesma forma, não consigo compreender como alguém consegue existir sem ter o hábito da leitura incrustrado em seu cotidiano. Então é possível se viver dias, semanas, meses e anos sem carregar um livro para cima ou para baixo ou ao menos esperar pela hora de se chegar em casa para poder lê-lo um pouco que seja? Confesso que a leitura desperta em mim algo meio ansiolítico. Assim que começo um livro já estou na expectativa em relação ao seguinte. E ao seguinte. E ao seguinte. E assim hasta el infinito, como diria o mestre Jorge Luis Borges.

É claro que essa minha "exigência" é um tanto quanto classista. Afinal de contas, é pouco provável que uma pessoa que trabalhe oito horas por dia e que dependa da patética eficiência de nosso transporte público vá ter cognição para chegar em casa e conseguir ler um Dostoiévski. Mas confesso que, mesmo assim, não consigo compreender uma vida sem literatura. Algo que me irrita profundamente são esses dias em que, assoberbado de aulas e burocracias, acossado pela vida comum, não consigo simplesmente me sentar e ler – e quando me deito na cama o cansaço me toma nos braços e me conduz ao sono sem que eu consiga sequer pegar o livro que deixei na cabeceira ao lado da cama no dia anterior.

Agora, enquanto escrevo essas linhas, estou no meio da leitura de A Montanha Mágica. Há algo de muito belo em conseguir vencer um calhamaço de mais de 800 páginas, como no clássico de Thomas Mann. É como se eu pudesse dizer que, apesar de toda fragmentação e dinamismo que a vida moderna nos exige, ainda assim eu consigo me insubordinar à vida e manter a literatura sempre por perto, mesmo que a conta-gotas em minha rotina.

E não, eu não consigo entender como alguém vive sem literatura.

Foto: Divulgação

* Autor das obras Chão de Areia, Tortos Caminhos e Crônica de um Mundo Ausente. Colabora com as revistas e jornais. Editor do Jornal Zona Norte de Porto Alegre. Também é músico e compositor.

Foto: jamarattigan.com

TÃO SIMPLES

ANA ELICKER *

Rolante / RS

Em certas tardes de verão, quando os raios de sol aumentam seu brilho ao baterem na água ancorada no chão, o cheiro de terra molhada espana meus pensamentos empoeirados. Lembro das estradas de chão batido que muito trilhei, ouvindo meu amigo João de Barro.

Ele destacava-se no ramo da construção civil, porém trabalhava somente para o sustento e moradia de sua família, não acumulava riquezas. Um sujeito simplesmente simples. Excelente cantor, sua música descrevia seus sentimentos. Foi justamente com ele que aprendi o sabor de ser feliz.

Pelos caminhos em que muito brinquei, fiz bonequinhos de barro (a terrinha molhada entre os dedos como creme de chocolate), joguei bolinha de gude, pulei nas pocinhas e sentia a água espirrar para os lados. Sempre, meu amigo João de Barro cantando, anunciando daquela vez a reforma da casa. Sua mulher, orgulhosa, batia as asas com os primeiros ramos para construir o ninho. Filhos, assim que os ovinhos chegassem ao mundo.

Tão simples. Meu amigo e eu, tal o verão. Talvez, para alguns a felicidade vem após uma chuva: de pensamentos, de amigos, de carinho, de sonhos, de.... Para nós, ela vinha depois de uma pequena chuva, de água mesmo. Pois matava a sede e fazia uma auréola de arco-íris em nossas almas. Apesar de semelhantes em desejos e realizações, acho que meu amigo não seria um bom parceiro para guerrinha de barro.

Amigos podem ter pouco em comum, desde que este pouco seja parte de um todo, completando a parte que falta no outro.

Ele, apenas um passarinho pequeno e sensível. Eu, apenas um ser humano pequeno e sensível. Nós, grandes sonhadores de pequenas conquistas.

Foto: Divulgação

* Escritora e doutora em Diversidade Cultural e Inclusão Social. Autora dos livros de contos e poemas: As Pontes, Vozes de Fogo, Ana: Para ler e sentir, Três, Retalhos – Quarentena Poética e inúmeras participações em antologias e dos livros técnicos: Literacia Digital/2020; Literacia Digital, Gêneros e mídias em sala de aula/2020.

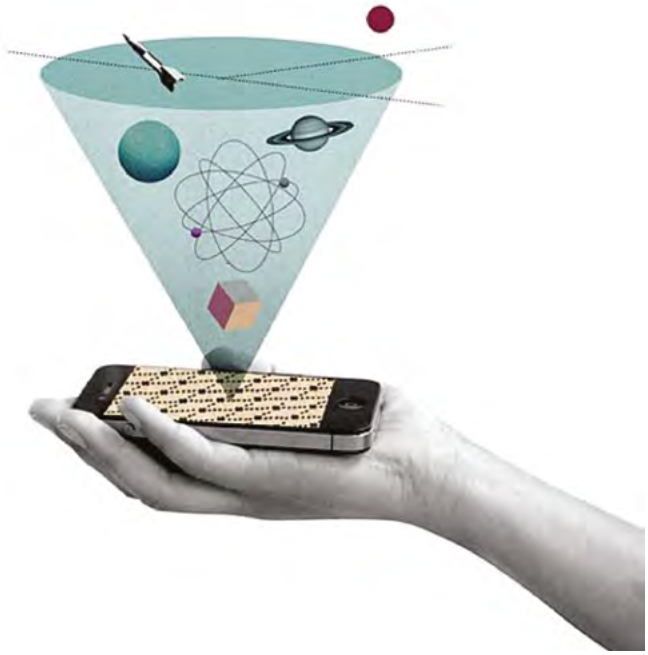


Foto: jamarattigan.com

TEMPO

CRISTIANE LUZ *
Canoas / RS

Os dias correm na velocidade da luz, um após o outro como cartas de baralho num jogo de canastra.

O tempo anda muito rápido, tudo tem que ser para ontem. Estamos perdendo tempo ou ganhando tempo?

Andando pela rua observo nas calçadas as pessoas andando apressadas, o trânsito intenso. Por que tanta pressa?

Queria ter um aparelho ou aplicativo, por exemplo, que quando chegasse em casa apenas ligaria com meu controle remoto e assistiria como foi o meu dia, algumas situações que deixei escapar, para não acontecernovamente. Ou ao contrário, desejando que se repita no dia seguinte.

Ou quem sabe, no meu próprio aparelho celular, ao rolar meus dedos sobre a tela, manifestasse meu desejo de retornar aqueles segundos, ou horas e talvez anos passados.

Às vezes, após acontecimentos vividos, perdemos a lembrança das reações sentidas. Se ao menos pudéssemos ter a máquina do tempo tão famosa dos filmes de aventura?

O tempo. Não conseguimos mais tempo para sorrir, não temos mais tempo para chorar nossas decepções, sem tempo para amar, sem tempo para lembrar.

Houve um tempo que a nossa única preocupação era pedir um tempinho a mais para brincar. E, sobre as lições do colégio, tínhamos tempo para fazer até o finalzinho de domingo. Naquele tempo, ficar um pouquinho a mais na cama, não ia fazer a diferença porque nossa mãe estava sempre lá como nosso despertador.

O tempo...

Precioso tempo. Rebelde por natureza não escuta ninguém, apenas passa despercebido por entre nossas mãos.

E como versejou nosso querido poeta Mario Quintana em seu poema "O Tempo":

"... A vida é o dever que nós trouxemos para fazer em casa.

Quando se vê, já são 06 horas!

Quando se vê, já é sexta-feira!

Quando se vê, já é natal...

Se fosse me dado um dia, outra oportunidade, eu nem olhava o relógio...

E tem mais: não deixe de fazer algo de que gosta devido à falta de tempo.

Não deixe de ter pessoas ao seu lado por puro medo de ser feliz.

A única falta que terá será a desse tempo que, infelizmente, nunca mais voltará..."

Foto: Divulgação

* Graduada em Gestão de Recursos Humanos e Pós-Graduada em ADP e Contabilidade. É espirita Kardecista. Aos 13 anos, começou a escrever em seu diário, evoluindo para pequenos contos.

O MENINO E O MAR

CECILIA KEMEL *
Porto Alegre / RS

Foto: jamarattigan.com

Às vezes, um menino brincando à beira-mar resume toda a existência humana sobre a terra.

O menino atira-se às ondas, fascinado. Mergulha, afunda-se nas águas, submerge e retorna à tona sob os sonoros risos da alegria infantil. Tenta pegar uma conchinha enquanto a maré retorna, escava a areia em busca de um siri que se esconde rápido. Corre, cai, levanta e torna a correr. Gargalha e enche a praia dos cristalinos sons da sua alegria.

Depois de longo tempo envolvido pela gélida espuma, catando tesouros na areia, o sol já deslizando para o horizonte, o menino se cansa. Está exaurido e já treme de frio. Deseja recolher-se e corre para um abrigo, onde encontra agasalho, colo de mãe e milho verde quentinho. O mar ficou lá longe, é uma imagem registrada para sempre na sua retina, e ele o enxerga já com olhos de saudade.

Assim a vida. Primeiro brincamos, esquecidos, despercebidos da evolução do tempo, dos anos que vão passando, os dias tornando-se iguais, mais longos e gelados, a lembrança de momentos retidos na memória retornando, às vezes serenos, às vezes, repletos de agonia. Arrependimentos tardios: por que não nos detivemos mais naquela concha translúcida, por que não guardamos por mais tempo aquela pedrinha arrancada duramente da areia molhada? Tudo nos escorreu por entre os dedos.

Então, embora as mãos vazias, encontra-se repleta a caixa de lembranças. Subitamente, deixamos de apreciar o jogo e não nos atraem mais os tesouros escondidos. Queremos recolher-nos a um abrigo e, quem sabe, apenas nos console uma espiga quentinha de milho verde. E basta.

* Escritora. Mestre em Literaturas Portuguesa e Brasileira. Publicou, em 2022, a obra de poemas "O Livro". Proximamente, ainda em 2023, estará lançando volume de contos/crônicas, sob o título "Para mulheres que...".

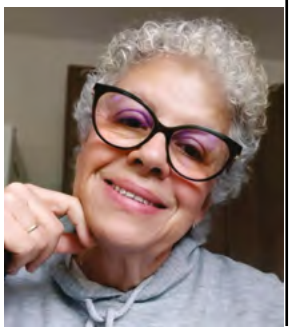


Foto: Divulgação

A BARRAGEM

ISABETE FAGUNDES ALMEIDA *
Porto Alegre/RS

Foto: jamarattigan.com

Acordei feliz e saí como de costume para o trabalho, dia de sol brilhante, assim como estava meu semblante.

Depois de uma manhã proveitosa, sigo para o refeitório com minha agenda na mão, vários colegas também estão se direcionando para lá, é horário do almoço, estou inspirada e preciso escrever sobre esse belo momento. Estar carregando outra vida é um sentimento imensurável de um poder sem igual que dá sentido à nossa existência. Envolvida em meus pensamentos sinto o chão tremer, ouço gritos e um forte impacto sobre mim.

Não desencarnei subitamente, tudo foi lento, lutei muito para manter meu perispírito, foi muita agonia, queria muito viver e gerar meu bebê. Estava paralisada sentindo meu coração bater fraquinho e o ar me faltando, quero acreditar que estou dormindo que logo esse pesadelo vai chegar ao fim, mas isso não acontece, estou morrendo e ninguém vem me salvar.

Não sei cronometrar o tempo que passei nessa agonia, sei que ouvi vozes, latidos de cão numa busca incessante nos procurando, gritei! Mas estava presa em um espaço escuro e vazio.

Desastre ambiental que contaminou rios, disseminou a fauna e a flora que ceifou minha vida e de tantos outros. Não sei! Só sinto que fui coberta por resíduos de ferro, sílica e água pastosa que foi me sufocando aos poucos, oriundos de uma barragem. Minha alma ainda chora sem saber se meu corpo foi assassinado, sofreu um acidente ou apenas uma tragédia resultado da revolta da natureza que venho nos cobrar.

Sinto minhas mãos sobre a barriga em um corpo petrificado em decomposição tentando me conscientizar que já não pertenço mais a esse mundo.

* Pós-graduada em Neuropsicopedagogia. Artesã, poetisa, escritora. Participa do CEN- Coletivo de Escritores Negros. Autora dos livros: Passeio Poético, Abrindo o Baú e Contos e Crônicas.

Foto: Divulgação

TERRITÓRIO DAS ARTES

ANTES DE TUDO, PAIXÃO PELOS LIVROS

Foto: Divulgação

Artista multimídia, arquiteta, poeta e designer. Liana Timm vive em Porto Alegre, na capital gaúcha, com seu atelier em permanente ebulição. Sua produção mixa manualidade e tecnologia, conceito e materialidade, história e contemporaneidade. Transita pelas Artes visuais, pela literatura, pelas artes cênicas e pela música. Desenvolve através da "Território das artes editora e produtora": projetos artísticos e culturais como Freud e os escritores, com Lenira Fleck, Experiências Cênicas Multimídia com Janaina Pelizzon e shows musicais como bossajazz&companhia e House Concert com vários músicos. É, também, a presidenta da AGES- Associação Gaúcha dos Escritores. Lia conta que os livros sempre fizeram parte da sua vida e, em sua casa, além dos livros, circulava muitas revistas. "Muito conto li na Seleções do Reader'sDigest e na Rassegna médica e cultural e tomei contato com a arte de maneira vigorosa, principalmente com a gravura em metal e a pintura. Foi através dessas publicações que entendi e valorizei a importância da reprodução em detrimento do original." Outra experiência importante, ela conta, foi a convivência com a tipografia do sogro. "Ele tinha uma gráfica, ainda de tipos móvel e com máquinas à lá Gutenberg. A montagem dos textos, os clichês de imagens, aquele cheiro de tinta e depois a impressão me conquistaram de tal maneira que era muito prazeroso ver aquele processo artesanal resultar nos impressos ali produzidos." Desse modo, ela chegou à faculdade com uma série de informações e preferências que lhe fizeram conhecer uma gama de possibilidade nas quais poderia se articular dentro e fora da Arquitetura. Já formada começou a dar aula no Departamento de Expressão Gráfica da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFRGS. Além da linguagem gráfica propriamente dita, introduziu conceitos de comunicação visual e design gráfico numa das disciplinas que ministrava. A artista é hoje dona de uma história de sucesso e excelência. Veja abaixo entrevista exclusiva para a Paranhana Literário.

Quando surgiu a editora Território das Artes e como surgiu esse projeto?

Eu e meu marido, Edgar Timm, criamos a TIMM & TIMM editora que trabalharia voltada para o segmento de livros culturais. Realizamos inúmeras publicações que marcaram época como "Crônica de um rio", "Faróis da Solidão", "Culturas em Movimentos", "Amor febril" e também produzimos alguns discos e designs de produtos. Em 1994, meu marido faleceu e a TIMM & TIMM se transformou em TERRITÓRIO DAS ARTES a partir de 1997.

Como tu defines quais os projetos que serão editados?

Venho trabalhando com literatura e ciências humanas, de maneira muito tranquila, sem afobações e colocando na rua publicações criadas pela editora, bem como outras que a TDA publica por acreditar em sua qualidade. Não penso em quantidade, trabalho por prazer e com o desejo de contribuir para um aprimoramento da leitura e da qualidade editorial. Trabalho com um design caprichoso e original, capaz de valorizar o texto ali exposto.A estética de um livro é de extrema importância. Pode aproximar ou afastar o leitor e as vezes o próprio escritor não se dá conta disso, prejudicando sua escrita. Então, a partir dessa constatação, a cada publicação vamos tentando introduzir pequenas novidades, sem onerar a produção, para criar curiosidade e construir uma ponte atrativa no circuito comunicativo literário.

Existe um foco ou linha editorial principal?

Temos várias frentes de trabalho: livros de demanda externa, livros de autores escolhidos pela editora, livros próprios e coleções que ao longo do tempo se enriquecem com mais publicações.

Poderias citar alguma dessas frentes como exemplo?

Uma delas é a coleção Minibuks, que já tem treze anos. São textos curtos publicados num tamanho sintético como uma introdução a assuntos relevantes. O formato, de pequena dimensão, foi escolhido para facilitar o transporte da publicação e servir de companhia em ocasiões especiais. São vários assuntos que vão desde literatura, decoração, dieta, histórias infantis e texto dramático. Outra é a coleção VIAGENS, intitulada OLHAR ESTRANGEIRO. Iniciamos com Nova York, depois França e México e agora vamos fazer uma edição sobre o Uruguai. A ideia é trabalhar a visão de mundo do escritor estrangeiro sobre a cultura de lugares escolhidos. Mais uma coleção muito apreciada é a ARCA, que completa, neste 2023, 15 anos de existência. São coletâneas com autoras e autores de relevância na cena literária de nosso estado e a cada ano elegemos uma temática que é desenvolvida com toda liberdade pelos escritores e escritoras que se agregam ao projeto. E existem outras mais.

Como tu trabalhas a distribuição, sempre um grande gargalo no mercado livreiro?

A TDA é uma pequena editora e não trabalha com bestsellers, as livrarias acolhem burocraticamente as suas publicações e, é lógico, elas nunca ficam em exposição nas vitrines nem em lugares mais visíveis, o que se reflete nas vendas. Também pensamos no comércio de livros como algo que deve beneficiar, em primeiro lugar, o autor. Por essa razão a TDA vende direto para seu público e os autores que editam com ela também. Estamos sempre querendo inventar um melhor caminho para resolver esse grande problema de distribuição e venda que apresenta o mercado livreiro. Algo já comprovado também na venda de publicações é que as mesmas são consumidas, primeiro, pelo círculo de amizade do escritor ou escritora e assim, conforme este potencial é pensada a tiragem da edição. Um modo mais realista de investir no livro.

As novas tecnologias facilitam a publicação de um livro, e, talvez por conta disso, aumentou o número de autopublicações. Nessa perspectiva, a tecnologia ajudou ou tornou a vida dos editores mais difícil?

Atualmente, com as novas tecnologias, os autores estão se autopublicando. Parece ser um bom caminho, pois os custos diminuem em relação ao processo de produção. Porém tenho notado que a qualidade das publicações diminuiu. Como o escritor não conhece todos os passos do processo de criação e design, produção editorial não chega, com raras exceções. Mesmo diante de tantos percalços, aumento de preço do papel e insumos, perigos de taxação de impostos para a produção de publicações, vamos indo e inventando maneiras de continuar dando visibilidade à riqueza da literatura de nosso Estado e do Brasil.

Quais os novos projetos da editora Território das Artes?

Hoje, contamos com um conselho editorial, além de mim, composto por Cátia Castilho Simon, Dione Detanico, Janaina Pelizzon e Márcia Ivana de Lima e Silva, para discutir sobre os rumos da editora. E já pensamos numa

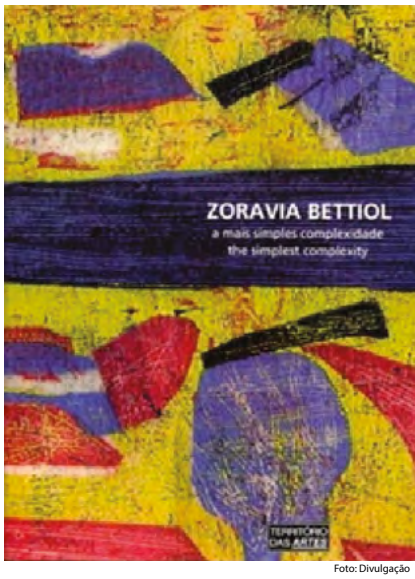


Foto: Divulgação

Livros sobre arte também são o foco da editora. E diversas publicações foram realizadas sobre a vida e a obra de artistas do Rio Grande do Sul.

Foto: Divulgação

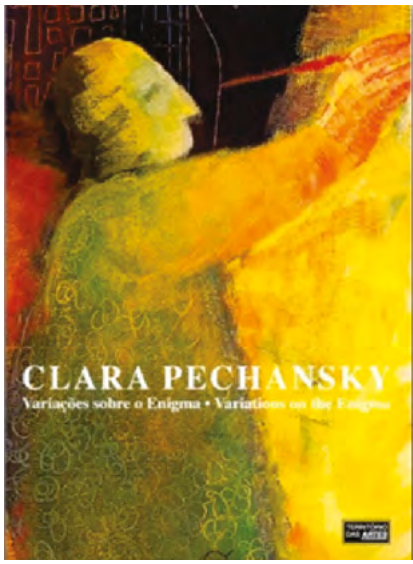


Foto: Divulgação

nova coleção, para 2024, intitulada Homenagens, para resgatar escritores e escritoras que fazem a história de nossa literatura e estão sem visibilidade atualmente. Também começaremos outra coleção que passará para o papel: DIGRESSÕES CLARICEANAS, criada e produzida juntamente com a escritora Cátia Castilho Simon, composta por entrevistas com grandes nomes da cultura brasileira. Já realizamos 16 entrevistas, tendo como pano de fundo o jeito de entrevistar da nossa Clarice Lispector. Estas entrevistas estão à disposição no Youtube e face da TERRITÓRIO DAS ARTES. Nomes como Jane Tutikian, Jacob Klintowitz, Cida Moreira, Lilian Rocha, Marta Cortesão, Micheliny Verunschk, Lau Siqueira, Maria Valéria Rezende, Patrícia Cacau, Claudio Daniel, Cíntia Moscovich, Carola Saavedra, TaiasminOhnmacht, Tabajara Ruas, Márcia Kambeba e Lélia Almeida, estarão na coleção de entrevistas. Estamos também organizando a ampliação da coleção Minibuks com 10 publicações variadas que logo em seguida serão divulgadas. Teremos também a publicação de todos os textos de dramaturgia do projeto FREUD e os escritores, pois um trabalho de 9 anos não pode ser perdido, uma vez que temos diálogos ricos entre Freud e Goethe, Schiller, Hoffman, Simone de Beauvoir, Agatha Christie, Thomas Mann, Jung, Anaís Nin, Marie Bonaparte, Nitzsche, Schnitzler, Anna Freud, Stefan Zweig, Hilda Doolittle, Lou Andrea-Salomé, Hannah Arendt, Virginia Woof e Schopenhauer. A coleção ARCA terá mais um volume em 2024, sempre a partir de 2022, homenageando uma figura importante da nossa cultura e tendo a organização compartilhada com a Cátia Castilho Simon. E, logicamente, estarei lançando mais um livro de poemas completando 20 publicações individuais, sendo que o livro A DIMENSÃO DA PALAVRA reúne meus 35 anos de poesia. E, para finalizar, estaremos abrindo mais uma coleção intitulada Picurruxos, voltada para o público infantil com o título BRIGITE cujo texto é assinado por Cátia Castilho Simon e as ilustrações de minha autoria.

Foto: Divulgação

A estética de um livro é de extrema importância. Pode aproximar ou afastar o leitor e as vezes o próprio escritor não se dá conta disso, prejudicando sua escrita.

UMA HISTÓRIA SOBRE TRÊS REALIDADES E INFINITAS POSSIBILIDADES

Foto: Divulgação

A aleatoriedade existe? Ou a vida é moldada por uma relação entre nossas ações no aqui e os ecos que permeiam a essência do nosso ser e se perpetuam para além da nossa realidade, conectando os nossos vários "eus" espalhados por aí?

"Ecos para o amanhã" narra a história do jovem Romeno sob esta ótica, mostrando como as vivências em cada realidade ecoam pelo espaço e pelo tempo, refletindo-se nas outras versões do mesmo Romeno e se entrelaçando ao longo da vida.

É um livro com várias camadas de significado e sua narrativa se divide em três realidades paralelas que coexistem e se entrelaçam, ora se aproximando, ora se afastando.

Apesar de ser um romance ficcional, é uma obra que trata de questões presentes no cotidiano das pessoas. Temos personagens lidando com traumas da perda de um ente querido; jovens descobrindo sua sexualidade; separações amorosas; reencontros felizes...

Se eu tivesse que descrever a essência deste livro em poucas palavras, diria que "Ecos para o amanhã" é uma história sobre escolhas que se entrelaçam ao longo da vida - como as raízes de uma árvore, os filetes do DNA ou o emaranhado de neurônios do cérebro - e ecoam pelo tempo e pelo Universo.

Natural de Porto Alegre, Diogo Baigorra tem sua estreia no mundo dos livros com a obra, "Ecos do Amanhã". Formado em Jornalismo, desenvolveu o gosto pela escrita no ensino fundamental, época em que escreveu suas primeiras peças de teatro. Hoje, dedica-se à assessoria de comunicação e diagramação de publicações literárias, mas se diz fascinado pelo mundo dos livros desde os seus 11 anos, quando mergulhou pela primeira vez no imaginário dos contos de aventura. Segundo contou, há tempos desejava lançar este livro, mas somente no período de início da pandemia de Covid-19 conseguiu sentar e organizar as ideias. A partir deste momento, a história, até então apenas rabiscada em pensamentos, fluiu e tomou forma, dando vida a Romeno, protagonista de "Ecos para o amanhã".

Foto: Divulgação

POETA APRESENTA SEU TERCEIRO LIVRO AUTORAL, SOBRE REFLEXÕES DE NOSSO COTIDIANO

Foto: Divulgação

Armando Severo lançou recentemente seu terceiro livro. "Espelho" é uma publicação que traz reflexões e projeções sobre o cotidiano, permitindo ao leitor se identificar com as histórias apresentadas em cada poema. "Espelho" dá sequência às publicações lançadas por Armando Severo. Em 2021, ele apresentou seu primeiro livro, "Em tempos de reclusão", com poemas que retrataram o período de isolamento social causado pela pandemia da Covid-19. Em 2022, ele publicou "Manual de Sobrevivência", que ressalta que somos mais fortes e melhores do que imaginamos ser ou do que pensam que somos.

Sobre o autor

Armando Severo foi vencedor do concurso Poemas no ônibus - Carris e Prefeitura de Porto Alegre, edição 1999/2000. É autor dos livros de poemas "Em tempos de reclusão", "Manual de Sobrevivência" e "Espelho" lançado recentemente.

Onde comprar: diretamente com o autor ou através do site www.bestiario.com.br.

LANÇAMENTO DO LIVRO "CURTA FICÇÃO"

Foto: Divulgação

O escritor, professor e jornalista Elenilto Saldanha Damasceno lançou, recentemente, seu novo livro, "Curta ficção". A obra é uma coletânea de contos para quem, em geral, aprecie ou "curta ficção" e também para quem, em específico, aprecie "ficção curta", narrativas com menor extensão. O livro reúne vinte contos inéditos e oito textos anteriormente publicados em coletâneas e na revista Paranhana Literário. Os temas dos contos são diversificados e dialogam com a realidade cotidiana, com memórias e histórias de vidas e com a tradição cultural, por meio de relações intertextuais com os Evangelhos e textos de Gonçalves Dias, João Simões Lopes Neto, Jorge Luis Borges, Nelson Rodrigues, entre outros.

"Curta ficção" é a segunda publicação individual do autor, com a qual estreia na escrita de ficção. Em outubro, "Curta ficção" será apresentado em sessão de autógrafos na 69ª Feira do Livro de Porto Alegre.

Sobre o autor

Elenilto Saldanha Damasceno, gaúcho de São Leopoldo, é escritor, professor, jornalista e revisor. É mestre em Estudos de Literatura e especialista em Literatura Brasileira. Atualmente, é professor de Língua Portuguesa e de Literatura e colabora como colunista (crítico literário) nos sites Artistas Gaúchos e Escrita Criativa e na revista Paranhana Literário.

A LITERATURA MINIMALISTA DO EDITOR DA REVISTA PARANHANA LITERÁRIO

Foto: Divulgação

O quarto livro do idealizador e editor da revista Paranhana Literário intitulado "Enquanto espero o troco do café" é a incursão do autor na chamada microliteratura. Trata-se de histórias contadas em exatas 30, 50, 100 ou 150 palavras. De acordo com o escritor, nesse livro os leitores encontrarão 70 microcontos que passeiam pelas mais diversas situações. "Histórias aparentemente curtas, mas carregadas de significados, de narratividade, de olhar sobre a condição humana, pois minha matéria prima é a vida real, com tudo o que ela apresenta de ridículo, patético, grandioso, maravilhoso", relata.

Doralino Souza foi duas vezes finalista ao Prêmio AGES Livro do Ano. Vencedor do I Premio Internacional de Microcontos. Tem 4 livros publicados e diversas participações em antologias, incluindo o Prêmio Off Flip 2022. É o Idealizador e editor da Revista Paranhana Literário.

O livro pode ser adquirido diretamente com o autor ou no site da editora: www.bestiario.com.br

O TRABALHO E A ESCRAVIDÃO CONTEMPORÂNEA

Foto: Divulgação

Livro de Adeli Sell lançado há pouco, "Escravidão contemporânea – o caso da serra gaúcha" mostra que o mundo do trabalho pós-moderno retoma meios e formas da Antiguidade, seja no Egito ou na Grécia. Durante a Idade Média o camponês era servo do seu senhor, já no Brasil, ainda mal contada, a escravidão foi um dos grandes infortúnios a manchar nossa História.

Em pouco mais de 100 páginas o escritor, professor e bacharel em direito, Adeli Sell faz o relato local, ligando com os mesmos problemas que aconteciam em Uruguaiana, SC, MG e diversos locais Brasil afora.

O livro saiu pela Editora Documenta e pode ser adquirido no site da editora ou diretametne com o autor. Whats: 51.999335309 com Adeli Sell

ENTRE-LACES DA PALAVRA

O novo livro da gaúcha Inês Lempek, "Umbigo", é um itinerário organizado, ao sabor dos anos, por variadas paisagens interiores e externas das vivências da autora. Um caleidoscópio de cores, humores, lugares, aromas, perdas e afetos. Nesta nova obra, a escrita se derrama livremente. É caudalosa e robusta, evidenciando um oceano de emoções.

Inês Lempek é poeta e psicanalista. Autora do livro de poemas O avesso do clima, Participou das antologias Poesia e prosa (IEL), 102 que contam e 104 que contam entre outros. Publica em sites e revistas.

O livro pode ser adquirido com a autor ou diretamente no site da editora.

“EU BIPOLAR – UMA HISTÓRIA DE SUPERAÇÃO”

Foto: Divulgação

A obra “Eu bipolar – uma história de superação”de Andrea Morais está em 4 países, pela editora moonlight. O livro fala toda caminhada do despertar, como foi enfrentar os monstros, padrões de repetição, gatilhos psicológicos. Ao entrar nessa viagem, que é a vida dessa autora ... você vai ter alguns despertares.

Somente aos 41, com o diagnóstico de transtorno afetivo bipolar, Andréa decidiu se entregar à Espiritualidade, que sempre foi muito forte em sua vida, mas ela negava. Hoje, também influencer na plataforma do Tik Tok como eubipolar4, Andréa faz um trabalho filantrópico como psicoterapeuta online, ajudando pessoas recém diagnosticadas com HIV, que tenham transtorno bipolar, borderline, depressão ou que queiram ajuda ... Seu canal está com quase 40 mil inscritos e os vídeos chegam a 3 milhões de visualizações!! Pois sua história têm chamado à atenção.

Andrea Morais é escritora, psicoterapeuta, palestrante e ativista. O livro pode ser adquirido diretamente com a autora.

Foto: Divulgação

LAYLA E A UVA

Em 2020, a obra infantojuvenil “Layla e a Uva” de Eliane Tonello, teve sua primeira edição quadrilíngue, nos idiomas português, italiano, espanhol e inglês, e fez um grande sucesso com crianças e adultos. Este ano, a escritora publicou a segunda edição de “Layla e a Uva”, para colorir e com novos idiomas, português, hebraico francês e alemão, na mesma obra. Esse ano, o livro da escritora gaúcha recebeu o Troféu Obra Quadrilíngue Infantojuvenil 2023, pela ABARS e Literarte, no stande da Editora LER na Bienal Internacional do Livro no RJ.

No livro, “Layla e a Uva”, a personagem vive na cidade com os pais e escolhe passar as férias no campo junto com os avós, pois tem o desejo de realizar um sonho. E o sonho se realiza.

Foto: Divulgação

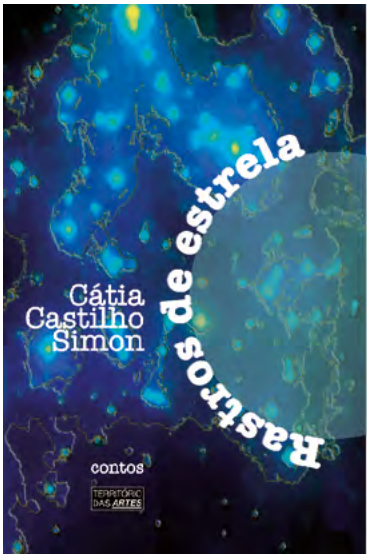
LIVRO SOBRE RACISMO ESTRUTURAL

A autora do livro é negra, trabalha como diarista e sua obra “Pela liberdade de nos construirmos negras”, é um manifesto sobre o racismo estrutural que contamina a sociedade. O livro fala sobre sua vida e seus enfrentamentos desde a infância por conta da cor da pele e traz vários depoimentos de outras pessoas negras sobre a discriminação cotidiana.

Cristina Abigail Ribeiro Prates nasceu em Porto Alegre no ano de 1971 e mora em Alvorada. Estudou em escola pública. Fez curso técnico em Nutrição e Dietética. Quando começou a escrever e refletir sobre a negritude, a vida, o corpo e a mente, passou a dar mais valor às suas origens e à família. Hoje, valoriza as amizades que conquistou. E trabalha também nas redes sociais, como incentivadora do cabelo crespo, ajudando mulheres negras a resgatar a autoestima.

O valor do livro é R$ 35,00 e pode ser comprado através do pix 51 993621476.

Foto: Divulgação



RASTROS DE ESTRELAS
CÁTIA CASTILHO SIMON

Neste conjunto de 22 narrativas curtas a autora faz uma espécie de inventário das relações humanas e das severas impossibilidades que as acompanham. Os motes são amores proibidos, situações de infidelidade conjugal, infância cevada no egoísmo, perdas definitivas, tudo apresentado por uma visão de mundo na qual a humanidade essencial reluz como guia.

Cátia Castilho Simon é mestre em literatura brasileira e doutora em estudos da literatura brasileira, portuguesa e luso-africanas. Publicou contos, ensaios e poesias em diversas coletâneas e periódicos. É coorganizadora e coapresentadora do Digressões Clariceanas, veiculado pela Território das Artes, desde 2021. Integra o Mulherio das Letras/RS e a AGES - Associação Gaúcha de Escritores.

Foto: Divulgação

(RE)ENCONTROS COM A VIDA

Ângela Gomes, da Educação, e Carolina Gasperin, da Psicologia, apresentam um livro de densos conteúdos sobre a vida. O livro com espaços para anotações, exercícios e reflexões é parte de um trabalho com trabalhadores (as), servidores (as) da Instituição, tem foco no preparo das pessoas para a aposentadoria, para a velhice, bem como para uma vida feliz. Elas mostram que temos uma "trajetória de vida", moldada por acúmulos pretéritos que podem vir de casa, da escola, da sociedade, de padrões, muitas vezes castrantes, autoritários, de se culpar para medos, fracassos, percalços, os quais vão ter forte influência no percurso de nossas vidas.

Ângela Gomes é mestre em educação, especialista em gestão do trabalho e da educação em saúde.

Carolina Gasperin é mestre em avaliação de tecnologias para o SUS, residência multiprofissional em saúde, especialista em saúde da família e gestão do trabalho e da educação em saúde, psicóloga.

Foto: Divulgação

ROMANCE ABORDA CONSERVADORISMO POLÍTICO

Nada será como antes, novo romance de Andréia Schefe é ambientado no sul do país no pós-regime militar, e a história tem como pano de fundo grandes eventos da política brasileira ocorridos naquele período, enquanto uma mulher em busca de respostas para as lacunas deixadas por uma tragédia familiar, depara-se com um passado encoberto por anos de mentiras e meias-verdades.

Andréia também é autora do romance Para onde vão as borboletas à noite (Edição da autora, 2020) e participou de antologias, entre elas, Prêmio Literário Literatura Mínima Cartas para o futuro (Selo Off Flip, 2022), e Daqui pra frente (Editora Simples Assim, 2022). Escreve pra sites e periodicos com regulariedade.

1973 - E A COLETÂNEA DA TURMA DO CAFÉ

ADELI SELL *
Porto Alegre / RS

Foto: Divulgação

Papos em cafés ou trago em botecos podem render bons livros. Juntos, em coletânea, a Turma do Café de Santa Maria mostrou que são craques da escrita. Resolveram escrever um livro com a temática do ano 1973, ano da primeira feira do livro na cidade, puxada por um grupo de universitários.

Os anos eram de chumbo, havia ditadura militar, todos os autores viveram 1973 e de lá para cá amadureceram, trazendo suas vivências até o presente. Não são mais jovens de Diretórios Acadêmicos ou jovens em busca do seu grande amor, mas pessoas calejadas pelo Tempo.

Numa boa edição da já conhecida Editora Memorabilia, apresentam-se sete homens e uma mulher: Raul Giovani Cezar Maxwell, Orlando Fonseca, Ronaldo Lippold, Tânia Lopes, Antônio Cândido Ribeiro, Francisco Ritter, Carlos Rangel e Vitor Biasoli. Já conhecia e li alguns deles.

Na ficha catalográfica temos a anotação de "Contos", portanto partimos de que os escritos são ficção. No entanto, é visível que pela escolha do ano, que lembra a todos a Feira da cidade, com a capa com uma máquina de escrever, não tinha computador, certo? com a chamada de "um ano que conta" também estamos diante certamente das "memórias" pessoais dos autores.

Em "A baioneta de prata", Raul Maxwell usa algo que se tornou até comum na literatura rio-grandense, que é lembrar, recontar um caso ou causo que alguém contara. Em "Escada para o Paraíso", Orlando Fonseca busca numa música e sua letra o fio condutor da peça. Da mesma forma em "O Expresso Tantã", Ronaldo Lippold puxa um caso que tem a ver com o clima do ano, a ditadura, a perseguição, algo que perpassa muitos dos escritos. Tania Lopes, a única mulher do grupo, em "Saudades de 1973", como o título denota, são suas lembranças daquele ano, com dois episódios confessionais, enxutos e marcantes. "Era 1973", de Antônio Cândido Ribeiro, volta o tema da ditadura, ano nada fácil, para repetir, mas também há a busca do amor, outro tema recorrente. "Meu Natal de 1973", de Francisco Ritter apresenta o "seu" tocante Natal, num Orfanato, onde um presente pode ser tudo e muito mais para alguém. Carlos Rangel em "Inocência" traça um bombástico policial com todos os ingredientes que, mais uma vez, numa ditadura, faz-se desaparecer acontecimentos ou estes terão que ser arranjados, em se tratando de gente do poder. Vítor Biasoli em seu "Caliente verão de 73" volta ao tema música e letra, o amor que era para ser, querido, mas não foi. Memórias....

Depois, volta Raul Maxwell com seu "1973 - ano em que não chorei sobre ramos derramados", puxando pela memória juvenil para um adulto que não chora, mas ri, lembrando seu passado. Antônio Carlos Ribeiro volta com seu "Enlace", de forma curta, quase cômica e nos assusta com o dia do seu casamento. Francisco Ritter vem agora com seu "Verão de 1973" com o tema do Orfanato, mais uma vez, num outro final tocante como fora o conto do Natal. Vitor Biasoli volta para encerrar os 12 contos com "Cantar para Isabel", para falar do outro amor que não se realizou, com sua Isabel.

Voltando ao tema das "coletâneas" esta como outras que tive acesso estão se tornando uma sacada para colocar na vida, para leitores/as, autores/as sejam iniciantes ou como os que temos aqui já mais calejados.

Tenho para mim que esta tática pode ou deve ser um elemento propulsor de nossa Literatura Rio-grandense atual que se mostra a cada dia mais pujante e marcante.

Foto: Divulgação

*ADELI SELL é professor, escritor e bacharel em Direito.

FOTOSSÍNTESE

UM CONTO DO NOVO LIVRO DE DE SINARA FOSS

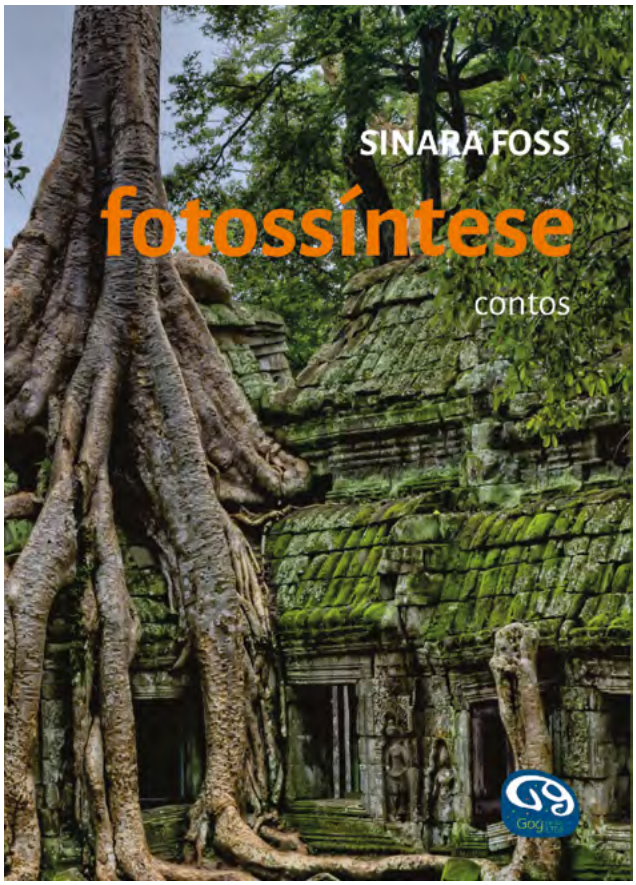


Foto: Divulgação

Ana se levantou depois de uma noite maldormida, perturbada por pesadelos. Chegou bem perto do espelho e virou o rosto de lado para ver melhor. Um galhinho de aproximadamente seis centímetros, com folhas pequenas, de um verde muito vivo, brotava de seu ouvido.

Tentou puxar, mas a agonia foi insuportável. O ramo estava bem enraizado dentro de sua cabeça. Ana abriu a gaveta do armário do banheiro e pegou uma tesoura. Foi difícil direcioná-la para onde queria realizar a poda. Esforçou-se, teve medo de cortar a pele. As mãos, sem tato, tremiam, e os dedos se contraíam involuntariamente sem conseguir segurar nada. A tesoura caiu com um estrondo metálico, quase machucando seus pés.

– Que barulho foi esse? – a mãe bateu três vezes na porta, fraquinho, com o punho fechado.

– Estou me arrumando. Já vou sair.

Havia algo diferente em sua voz, um som metamorfoseado, simbiótico.

Abaixou-se e apanhou a tesoura, levantando-se com dificuldade. Tudo rodava. Mesmo diante do espelho, não conseguiu cortar a ramificação com justeza. A dor foi pungente, como se tivesse cortado um pedaço de seu corpo: um dedo da mão, um lóbulo de orelha, um naco de pele. O sangue começou a descer pelo pescoço até o chão, como uma seiva vermelha. Tocou o ouvido com a mão direita, pressionando o raminho que ficara ainda incrustado, na tentativa de fazer a dor parar. A mão esquerda levou à boca para tentar conter o grito. Correu desnorteada pelo quarto, de um lado para outro, derrubando o cabideiro.

– Que barulheira é essa aí? – ouviu a mãe bater. – Está tudo bem?

– Tá, mãe! Já vou! – o som que saiu era um farfalhar de folhas, como acontece quando um vento intenso passa por elas com grossas gotas de chuva.

Ana sentou-se na cama, suspirando fundo. Precisava entender. Tinha prova na escola, não podia faltar. Olhou para o travesseiro com fronha bordada, enfeitada com crochê, e deitou-se de lado. O galho que saía do ouvido virado para o teto fazia um peso. Dormiu outra vez, sem sonhar.

Acordou bem mais tarde com um desconforto ainda maior. Algo roçando, áspero, fazendo cócegas, pressionado entre o rosto e o travesseiro. Se moveu pesadamente até o espelho e não conseguiu conter o grito. Levou as mãos à cabeça e viu no reflexo galhos saindo do outro ouvido. Esse caule era ainda mais forte e vigoroso. Notou também que das narinas começavam a despontar brotos de um verde mais fraco, quase amarelos, como pequenas flores.

O celular tocava. Era o número da mãe. Assombrou-se ao pegar o aparelho. Seis chamadas não atendidas.

Os dedos das mãos e dos pés não eram mais pele, carne, ossos e cartilagem, e sim brotos da planta em que ia se transformando.

Estava horrorizada, mas nenhum som humano saiu de sua boca, apenas um ciciar de folhas e flores de um verde desmaiado.

Não sabia que horas eram, nem se a mãe já estava para chegar.

Um barulho na porta de entrada. A visão e a audição estavam mais aguçadas. Via como se tivesse mais olhos, ouvia como se tivesse mais ouvidos.

– Ana, você está aí?

Cada palavra chicoteava, batia forte. A mãe não ouvia suas respostas de folhas. Queria pedir que não falasse, que sua voz a machucava. A qualquer momento, ela entraria ali e a veria. Não tinha como sair do quarto, não conseguia se mover. Ouvia a mãe insistir na porta, com punhos ansiosos.

– Ana, fala... O que você tem? Passei o dia preocupada... Nem o telefone você atendeu.

Kátia girou a maçaneta e entrou. De repente, ambas estavam frente a frente. A mulher levou a mão à boca e abafou o soluço. Conseguia identificar apenas os cabelos da filha entre as folhas da planta semi-humana que habitava aquele quarto desarrumado. Caminhou de costas lentamente, os olhos arregalados, e saiu por onde entrara, fechando a porta com o pé.

Ana ouviu os soluços da mãe do outro lado. Queria confortá-la, dizer que estava tudo bem, que aquilo não doía. Mas não podia sair do lugar. Como se o tempo parasse, ouviu a voz da mãe ao telefone:

– Arthur... Preciso que você venha aqui.

Sua audição apurada podia ouvir os suspiros da mãe ao falar com o ex-marido.

– Não é dinheiro! – a voz de Kátia alterou-se. – Pelo menos uma vez!

Ouviu um ruído, como se batessem na parede. Sabia que a mãe estava perdendo o controle. Arthur sempre a deixava assim.

– É a Ana... – agora suas palavras eram pouco mais que um sussurro. – Não, não... Conversamos aqui. Nem sei explicar – a fala cada vez mais indecisa. O choro fraquinho, o desespero da voz atravessava as paredes e enchia o quarto da filha.

Ana tentou sair, confortar a mãe, mas o corpo cada vez mais pesado não lhe permitiu movimentos. Estava enraizada ali. Seus pés, suas estirpes grudadas ao assoalho da casa procuravam a terra.

Não saberia dizer quanto tempo depois chegou o pai. Cochicharam, mas ela ouvia tudo. A mãe contou o que vira. A risada do pai passou como um vento.

– Só queria entender por que isso dessa vez...

Sacudindo os braços, Arthur entrou no quarto da filha e deparou com uma árvore cujos galhos já tocavam o teto.

Arthur também andou de costas, sem saber onde pisava, e caiu. Kátia, sem conseguir olhar para Ana, foi ajudar o ex-marido, que agora passava mal, arrastando-o como pôde para o corredor e fechando a porta.

Ana ouviu conversas, sussurros, choros, acusações; por fim, desligou-se de tudo e ficou em um torpor, uma alucinação entre dois cosmos. Suas folhas sentiam o ar. Suas cordas vocais passavam por fotossínteses clorofiladas. O vento fraco que entrava pela janela a convidava a sair. Ansiava por ver o sol, sentir a chuva.

De repente, as mãos do pai puxaram suas raízes poderosas, que já perfuravam o piso. A agonia de ser arrancada arrastou-se pelos galhos. Os soluços paternos acompanhavam o choro da mãe e açoitavam seu tronco. Os dois a acalentavam, a protegiam na tentativa de que nenhuma folha se perdesse, nenhum pedaço de raiz se quebrasse.

A noite já ia escura quando os dois a levaram para o quintal e a depositaram num buraco, com a terra ainda fofa, recém-removida. Após o ritual, a mãe trouxe água fresca e despejou sobre suas raízes. Ana sentiu-se bem. Enterrada, se fortalecia.

Com pálpebras inchadas, os dois se sentaram na varanda, a pá e o balde nas mãos. Sem desviar a atenção de Ana, falavam sobre suas primeiras palavras e peraltices, suas notas na escola, exaltando suas qualidades.

O sol já tingia de saudade as nuvens do horizonte quando Arthur se despediu. Com a mão pressionando a madeira do portão, voltou-se uma última vez. Kátia ergueu a cabeça. Na cumplicidade de seus suspiros, olharam para a filha-árvore, que abanava ao ritmo das carícias do vento.

* Tradutora , intérprete de inglês e alemão e também especialista e mestra em Literaturas de Língua Inglesa. Sinara publica livros com a temática de defesa dos animais. Luta pela natureza, é vegetariana por convicção e cuida de muitos gatos e cães resgatados das ruas.

Foto: Divulgação

Foto: jamarattigan.com

DESMEDIDA

ANA BRAZ *
Igrejinha/RS

Não sabia direito o que sentia, apenas sentia.

Tinha uma sede constante de novidades, uma fome interminável por diferenças, um desejo inenarrável por tudo aquilo que não tinha visto, provado, tocado, cheirado, comido.

Acordava e iniciava a procura diária por coisas não vistas e, quando não achava, terminava o dia em uma depressão tão profunda que, se alguém a encontrasse, acharia que uma internação não seria de todo ruim.

No momento em que encontrava qualquer coisa que despertasse seu desejo, ficava em um estado de excitação e alegria tão colossal, que a internação também faria sentido.

Vivia sozinha, por que pessoa nenhuma poderia satisfazer suas necessidades e não a matar de tédio ao mesmo tempo. Querendo companhia, simplesmente achava e, satisfeita, voltava à solidão.

Ninguém a conhecia melhor do que seu irmão gêmeo, que, apesar de ser igual fisicamente, não poderia ser mais diferente.

Ele se satisfazia com qualquer coisa. A rotina lhe dava um prazer absurdo. Era sossegado, nada extravagante. Acostumava-se com o pouco e o normal. Não poderia ser mais antônimo a sua irmã. Eram exatamente a cara e a coroa da mesma moeda.

Ela não o entendia. Ele não a queria por perto. Ela queria mostrar o mundo para ele. Ele só queria estar em casa com livros e gatos. Ela o odiava por não ser companheiro. Ele a odiava por ser tão espalhafatosa. Eles se amavam.

Uma estranha conexão aproximava os dois. Talvez o fato de terem dividido o mesmo útero, ao mesmo tempo, explicasse, mas era mais do que isso. Eram um caso raro de gêmeos univitelinos.

Nasceram e cresceram em uma pequena cidade, mas, desde sempre, ela mostrava uma curiosidade e uma vontade de aprender, que superavam em muito o irmão. Ele gostava de ficar deitado, olhando o móbile de anjinhos, ela escalava as laterais do berço a procura de aventura.

Na adolescência, ela procurou todas as experiências possíveis e impossíveis. Ele gostava de assistir TV e nem amigos tinha.

Eram tão diferentes em caráter e personalidade, tão idênticos fisicamente.

Aquela vontade interminável dela por tudo e por todos a colocava em situações perigosas, das quais não conseguia sair sozinha. Nesses momentos, era o irmão quem a salvava. Indo buscá-la nos mais impensáveis lugares.

Ela saiu de casa muito cedo. Ele ainda mora na casa dos pais.

Ela vai a julgamento por ter matado um homem e comido sua carne.

Ele vai a julgamento também.

Ela o tinha convencido a experimentar... só daquela vez.

* Formada em Letras/Ingles. É Professora, escritora e editora do Paranhana Literário. Ativista cultural é integrante da Associação Litero Cultural de Igrejinha (ALICI).

Foto: Divulgação

Foto: jamarattigan.com

LIBERDADE

ROSELI SANTOS *

Ivoti / RS

Saiu pela porta da frente sem intenção de voltar. Nem olhou para trás, com receio de ver o passado que ainda rondava os cômodos da casa.

Na mochila, apenas um casaco, uma calça, uma camiseta e um par de tênis. Era o peso que podia carregar, além do fardo existencial que já a consumia inteiramente, por dentro e por fora.

Na calçada, seguiu com passos firmes como se soubesse para onde ir, embora não tivesse a menor ideia. Sabia que o caminho era sem volta e isso bastava neste momento.

Andou o dia inteiro até conseguir um certo distanciamento da periferia da cidade, onde morou por mais de 30 anos. Deixava para trás a sua história, seus amigos e seus dois filhos menores, um de três e outro de cinco anos, que ficaram sob os cuidados de uma tia.

Também abandonou o medo, a tristeza e a decepção de ser quem era. O importante era seguir e abrigar-se longe dali, sem passado, sem futuro e sem expectativas. A vida seria melhor para todos, assim, com ela longe de casa, pronta para recomeçar sem ele, principalmente, o marido que pensava amar e de quem, agora, nunca mais queria lembrar.

O esquecimento e o anonimato viriam para ela de qualquer forma. Já ele levaria a lembrança dela para sempre, corroído de amor e ódio, paixão e ciúme, raiva e possessão doentias.

Pôde até ouvir um gemido antes de bater a porta e ir embora. Não era choro, talvez um lamento, mas nunca arrependimento, coisa que ele jamais sentiria. Deitado no chão, ainda tentou se arrastar até a porta, em meio à poça de sangue que jorrava dos ferimentos provocados por ela com uma faca de cozinha.

Era para se esvair aos poucos, mesmo, e morrer como veio ao mundo, solitariamente. Ao menos era o que ela esperava, com a certeza de que ele nunca chegaria a abrir aquela porta para vê-la partir. Por isso, não olhou para trás. Não teve remorso, nem culpa. Era o único fim possível para ela continuar vivendo, ainda que longe do que tinha de mais precioso, seus dois filhos.

Quando chegou na cidade vizinha, já era noite. Um céu estrelado a abrigava nesta noite quente, prenunciando o verão, na praça que escolheu para repousar e, quem sabe, dormir. Enfim, um merecido descanso, após anos de desespero e pânico. Sempre que tentava recostar a cabeça no travesseiro, lá estava ele para atormentá-la e espancá-la, em troca do que mais queria, por direito, na sua visão de mundo psicótica e machista.

Mas, hoje, adormeceu ali, no banco daquela praça, sem temor, sem sobressaltos, sem travesseiro, sem a sombra do terror que a dominava todas as noites, há anos, desde que se apaixonou por aquele homem tão sedutor quanto desprezível.

Pela manhã, o sol ardia no rosto e começava a aquecer o dia. Por um instante, pensou nos filhos, e chorou. Não havia dor e arrependimento, apenas uma tristeza infinita que os separava naquele momento.

Acordou com a sirene da viatura. Ao seu lado, dois policiais a chamavam pelo nome e começaram um interrogatório, já sabendo do crime ocorrido no dia anterior, cometido por ela, e que dava fim à realidade da qual ela não fazia mais parte.

Sorriu, arrumou os cabelos, pegou a mochila e se deixou levar, na mais absoluta paz. Para onde? Pouco importava. Agora era uma mulher livre, de verdade.

Foto: Divulgação

* Jornalista e escritora. Autora dos livros "A caixa das palavras" e "Uga: antes, durante, ainda". Tem textos em diversas coletâneas e é cronista do site Drops do Cotidiano. É idealizadora do Sarau com Café.

Foto: jamarattigan.com

ÚNICO AMIGO

GILMAIR RIBEIRO DA SILVA *

Piracicaba / SP

A professora Ana Fernanda, num raro momento de intimidade, caminhava solitária pelo pátio da escola pública com as mãos no bolso do jaleco, não que desejasse estar ali, mas não obstante, era uma das regras impostas aos professores em exercício em escolas de período integral, cuja exigência era que, nos intervalos, alunos e professores se interagissem, contrapondo a opinião dos alunos, que nunca foram ouvidos sobre isso (e... dá-lhe protagonismo!); providencial obviedade que qualquer pessoa de inteligência média deveria saber: que nesse momento de total liberdade, nenhum aluno deseja a inconveniente presença de professores atropelando suas conversas ou jogos. É fato que uns fogem rapidinho, outros suportam por educação.

Perdida nos seus devaneios, ela via ao longe, que os alunos se dividiam inconscientemente em tribos, e esses grupos pouco se misturavam. E é sempre assim: no pátio da escola, na sala de aula, no horário da saída e até mesmo nos rolês distantes da escola. Naquela escola, inclusive, havia muitos alunos com laudos que revelavam deficiênciasdiversas, resultantesem dificuldades de aprendizado, havendo ainda outros tantos que não apresentavam laudos, porque as famílias ainda não conseguiam aceitar e conviver com a deficiência. O mais curioso, no entanto, é que todos eles se identificavam e logo que batia o sinal para os intervalos ou almoço, eles se juntavam, independente das séries em que estavam matriculados. A burocracia e as plataformas oficiais do governo, bem como os gestores, esses sempre submissos como quem exerce função de governo e não de estado, chamam isso de socialização. E na sociedade em geral, quem é contra ensino de sociologia, filosofia, história também pensa assim.

Enigmaticamente, a professora Ana Fernanda, foi transportada, como numa visão espiritual, ao ano de 2018, e já em transe estava no interior da escola Carlos Marighella, sendo uma unidade pequena, com apenas seis salas de aula, fato que facilitava o controle da disciplina e os índices de aprendizado eram satisfatórios; tendo em vista, inclusive, que nas instalações, segundo diziam os mais antigos, funcionava, na década de 1950, uma unidade pública que atendia à outra finalidade; por isso mesmo tratava-se de um barracão comprido comtemplando três classes de aulas em ambos os lados,seguidas de um lado por uma pequena biblioteca (que funcionava) e de outro a sala de informática, e, centralizado aos fundosaguardava um palco improvisado. Já na parte da entrada, próximo ao portãorestava as instalações da secretaria e salas da diretora e da vice-diretora.

Alegoricamente, reencontrou o menino Rafael, do sétimo ano B, cuja transferência para a denominada escola havia ocorrido no segundo semestre daquele ano; viera, segundo constava, de uma escola da mesma região, trazendo um histórico de dificuldades no aprendizado. Rafael, talvez pelo amadurecimento provindo das agruras da vida, não se misturava com aos de iguais condições; a bem da verdade não se misturava com ninguém: falava pouco, sentava-se nas primeiras carteiras da lateral onde

se instalavam as janelas, e ficava tentando desenhar o tempo todo ou, no mais das vezes, dormia. Todos sabiam, no, entanto, que ele morava com a mãe que era viúva e a ajudava nas vendas de verduras e hortaliças por uma questão de sobrevivência. Alguns professores até encomendavam verduras 'buscando ajudá-lo'.

Certo dia, no transcorrer da aula de ciência que era sua habilidade, percebeu que Rafael chorava copiosamente. Duas meninas que o ladeavam, tentaram saber o motivo de seu infortúnio, e, por vezes, o consolar; mas não obtiveram sucesso na iniciativa. Foi então que a professora interveio:

- Rafael, o que está acontecendo?

Ele, porém, disse apenas:

- Nada!

E, sequentemente, se debruçou na carteira e começou a chorar ainda mais; foi nesse exato momento em que bateu o sinal anunciando o intervalo. A professora, percebendo que, nas atuais condições, ele era o último discente a deixar a sala de aula, já que desejava ficar ali sozinho, utilizou a boa relação que mantinha com o menino, indagando-o agora na intimidade de maneira carinhosa:

- Meu garoto, fale o que está acontecendo!

Erguendo a cabeça, limpando as lágrimas no braço, ele disse com certa timidez:

- Dona, meu cachorro, o Pluto, está doente e eu tenho medo que ele vai morrer!

Um filme naquele momento passara na cabeça da zelosa professora: a vida difícil na infância, turbulência, conflitos familiares; mas dominando o impacto emocional, tentou ser pragmática e se deixar guiar pela racionalidade, e, nesse espírito, perguntou "se o cãozinho havia sido medicado", o menino respondeu que sim, acrescentando que sua mãe o levara ao veterinário, mas era exatamente por isso que ele estava chorando, já que a mãe, até então, não atendera suas ligações.

- "Ah! Não!": respondeu a professora, é isso mesmo que tem que se fazer nesses casos, pois o efeito da medicação fará com que o Pluto retorne ao seu estado normal; por isso mesmo, a mãe, de repente, está envolvida na consulta e não pode mesmo atender ao telefone!

Em seguida, a professora contou a história de seu próprio cachorro que havia ficado muito doente e, sendo medicado, logo voltou saudável para casa e estava lá fazendo festa todos os dias quando ela chegava em casa depois das aulas. Ato contínuo, o menino Rafael respondeu:

- Profe, a senhora não entende, ele é meu único amigo!

A professora perdeu a fala. E nem ainda havia se recuperado do choque provocado pela revelação do garoto, aconteceu algo que desfez a atmosfera que a cobria, exatamente quando a música do vento soprava aos seus ouvidos uma das mais belas histórias que provocava sua memória afetiva, foi quando sentiu um leve toque no seu ombro, no momento exato em que soava o sinal estridente, como nas fábricas dos anos 1950, dando término ao intervalo. Os fatos simultâneos a libertaram do transe temporal e, então, pode se virar objetivando confirmar quem a tocara, momento mágico em que comtemplou na face de Rafael um sorriso que a marcara para sempre, ele era o novo aluno da escola, que, ao vê-la à distância, apressou-se em se aproximar da professora para cumprimentá-la cordialmente.

* Professor da rede pública do Estado de São Paulo, coautor de diversas coletâneas e autor dos livros "Ausência" e "Os muros e o Silêncio da cidade".

Foto: Divulgação

Foto: jamarattigan.com

LAPSO

GILMAR LEITE *
Afonso Cláudio / ES

Um dia, bem de tardezinha, ele levava o mecânico que havia consertado o carro de volta à oficina. Era um dia de inverno, aqueles dias de inverno quando ao entardecer o céu ganha tons avermelhados que acalentam o coração, despertam os sentimentos e a imaginação voa.

Ele mora a uns três quilômetros do centro daquela pequenina cidade. Deixou o mecânico na oficina e, como já estava próximo do centro, foi dar uma volta na pracinha, como de costume. Numa cidade do interior, via de regra, é o que se tem para fazer. Era uma típica e bucólica cidadezinha do interior cercada por montanhas com uma pracinha e uma igreja matriz. Onde nasceu, cresceu e tenta ganhar a vida.

Aquele clima de inverno trouxe uma sensação de saudade por momentos vividos no passado, uma sensação associada a um desejo de volta no tempo. Desejo impulsionado por recordações de momentos felizes vividos por antigas relações.

Isso trouxe à superfície de sua memória uma terna imagem de sua antiga namorada, que há muito tempo não via, com quem tem, por obra do destino ou graça divina, uma filha, já adulta. Não entendeu porque essa lembrança apareceu, assim, do nada. Foi uma relação difícil, complicada e angustiante, apesar de longa, talvez e exatamentepor isso, era enfadonha.

Essa imagem envolvida por toda aquela atmosfera, despertou nele, inexplicavelmente, um penetrante desejo de vê-la, mesmo que de longe, mesmo que fosse por instante apenas, mesmo contra toda a lógica do bom senso. E continuava sem entender o motivo de desejar ver uma pessoa que, conscientemente, não desejava.

Seria uma loucura de sua cabeça, pensava. Uma bobagem, um pensamento invasivo, É! Deve ser isso, concluiu. Sabe, aqueles pensamentos invasivos que dominam por completo a cabeça da gente e que você não os quer nem mesmo como pensamentos, mas eles teimam, teimam em ali permanecer, e ficam. Ah! Disse ele e deixou pra lá, fez de conta que nem o viu e continuou com a ideia de apenas dar uma volta na pracinha como costumeiramente fazia e voltar para casa.

Mas aquele pensamento, invasor, insistente, obstinado, continuava ali a martelar sua cabeça. Ah, não! Você de novo? Não faz nenhum sentido, não tem nenhuma lógica, você tá louco! Esbravejou em pensamento. Mas aquele desejo só crescia.

Aquele pensamento trazia, insistentemente, à superfície de sua memória uma doce imagem daquela namorada e dos pouquíssimos bons momentos que viveram, quase uma idealização.

Então, veio à sua lembrança, enquanto dirigia e já se aproximava da pracinha que ela sempre saía do trabalho próximo daquele horário. Já estava em frente à igreja quando olhou pra cima e viu no relógio da matriz que faltavam poucos minutos para ela sair do trabalho. Meio

confuso, misteriosamente, seu rosto iluminou-se em um sorriso involuntário quando já fazia o retorno na pracinha.

Mas, de repente, como um corte no tempo e no espaço, só foi se perceber quando se viu parado próximo ao trabalho dela sem entender exatamente o porquê. Eles não se viam e não conversavam há muito tempo, afinal, pensava ele, não tinham nada pra conversarem e nenhum motivo para se verem, porque foram anos de uma relação pra lá de conturbada e um fim melancólico.

Sofreu por um tanto, mas chegou a conclusão, a duras penas, que foi melhor para ambos que aquela relação chegasse ao fim, apesar de sua resistência em pôr o ponto final. Hoje, vive uma solidão indiferente. Não se considera um solteiro convicto, vive de bom grado consigo mesmo. Gosta da companhia que tem. A sua própria.

Enfim, quis o destino ou sejalá o que for, que tomassem caminhos tão diversos... Continuava ele absorto em seus pensamentos. É claro que, de sua parte, no longo tempo em que estiveram juntos houve amor e paixão; sonhos e planos de uma vida e um futuro juntos e feliz. No entanto, em algum momento, em algum ponto, enquanto enamorados, se desviaram, se perderam, se distanciaram em alguma encruzilhada, das tantas, que surgem nesta cruzada que é a vida.

Perdido em seus pensamentos, o tempo voou e só voltou à realidade quando percebeu ela já saindo do trabalho. E naquele momento, por um instante, lhe pareceu que o tempo congelou. Ele permaneceu dentro do carro, imóvel e constrangido, não queria que ninguém o visse. A observava atentamente e viu quando ela, que parecia estar em câmera lenta, carregava algumas sacolas, desceu lentamente a calçada e com passos vagos foi serenamente, em companhia de uma colega atravessando a faixa em direção ao seu carro, estacionado do outro lado da rua. De longe, seu rosto parecia calmo, sorria e conversava alegremente. Entraram no carro e partiram.

Numa profusão de sentimentos, um pouco alegre, um pouco triste, ele continuava ali, com o olhar extasiado, acompanhava irreprimivelmente aquele carro descendo, solenemente, a avenida que, vagarosamente, desaparecia naquele horizonte inebriante de inverno.

Não entendeu o que poderia significar o que acabara de acontecer. Um lapso no tempo e espaço, um desejo de voltar a um tempo que não existe mais. Pura nostalgia, talvez. A impossibilidade de viverou reviver bons momentos com uma certa pessoa que ficou no passado. É doloroso. Sim, é um sentimento que dói, por óbvio, não uma dor física, mas da alma, cuja compreensão é inalcançável. Tolera-se como o fado que é a vida. Nas incongruências humanas, pensava ele que até era uma dor boa, talvez até desejada. Mas, talvez é só o que lhe resta e tudo o que não queria.

Ficou ali ruminando por uns instantes, até que se deu conta, ligou o carro, acendeu os faróis, engatou a marcha, soltou o freio e acelerou em direção à sua casa. No caminho pensou... Hoje eu a vi, de longe. Ela parecia estar feliz. Fico feliz por ela. E continuou com suas idiossincrasias sumindo na escuridão de mais uma noite fria.

* Trabalha com marcenaria e é licenciado em Filosofia pela Universidade Federal do Espírito Santo – UFES Espera, brevemente, publicar sua primeira obra literária.

Foto: Divulgação

LOLA JUNKIE

MAGDA RODRIGUES DE SOUZA *

Porto Alegre/RS

Foto: jamarattigan.com

– Os vanguardistas sempre usaram alguma forma de escape da realidade.

– Tu não és esse tipo de artista, então para com isso!

– Sempre namorei artistas.

– Qual deles pode ser considerado um vanguardista, Lola?

– Só o futuro dirá, o Flávio era muito talentoso.

– É, tá no futuro a resposta, e ele, como tantos, tá morto.

– Basquiat, Morrison, Rimbaud, Kerouac, Bukowski, Hendrix, Lautrec, Joplin... Tantos e tantos malucos geniais. O artista tem que estar fora do padrão da normalidade, tem que ter algum tipo de conexão com outros mundos – disse Lola.

– Isso é muito anos sessenta, ideia de expansão da consciência e tal... – disse Dora.

– Acredito nisso!

– Essa é a tua desculpa para estar aqui?

No primeiro ensaio da banda Vênus Romã, a menina morena e magra foi a única espectadora. Ficou sentada no banco de madeira cantando todas as músicas inéditas. A garagem da casa do Flávio era o local de encontro, Dora era a baterista da banda e dividia as composições das melodias com ele. Depois que fizeram sucesso, lançaram vários discos e viajaram por todo o país. Quando receberam proposta para a turnê internacional, Dora resolveu sair, tentar carreira solo. Após dez anos retornou à cidade natal, Flávio já havia morrido e a banda fora desfeita.

Lola acompanhou o sucesso da banda pelas notícias dos jornais e revistas. O namoro com Flávio poderia ter durado mais se tudo não tivesse acontecido tão rápido. Ele foi embora e nunca mais voltou. Ela ficou vivendo a juventude com muitas festas, shows e namoros. Não casou e nem teve filhos. Gostava de ler biografias e poesia. Vivia de fazer artesanato. Alugava um apartamento pequeno com plantas e muitos quadros pintados por ela. Nos dias da semana, seguia uma rotina tranquila, dormia cedo e comia comida saudável. De sexta a domingo, mudava a vida e se vestia à rigor, voltava aos bares conhecidos, ia a todas as festas e usava todas as drogas. Se atrevia a cantar em karaokês as músicas que ajudou o Flávio a compor no início da carreira e numa dessas noites encontrou Dora.

– Tu não és a Lola, aquela que sabia todas as músicas da banda?

– E tu a única mulher do quarteto – disse Lola.

– Sei as músicas porque ajudei a compor quase todas as letras do primeiro disco.

– Por isso que ele nunca mais voltou a compor daquela forma.

– Mesmo assim vocês fizeram muito sucesso.

– Pois é.

– E o Flávio, foi overdose? – perguntou Lola.

– Sim, vivia num ritmo muito doido. E tu? Lola cantora!

– Não sou esse tipo artista.

– Então de que tipo tu és?

– Eu pinto quadros, faço artesanato.

– Eu acho que tu cantas bem, a gente poderia tentar uma parceria na composição de umas músicas.

– Quem iria cantar nossas músicas? – Lola riu.

– Tu.

– Tu pensas que eu sou assim durante a semana? Eu sou outra. Sem cabelão, jaqueta de couro, sem maquiagem pesada.

– Tudo bem, isso é só visual...

– É, mas não consigo incorporar essa personagem sem drogas – disse, e saiu meio cambaleando em direção ao bar.

Dora ficou bastante impressionada com a voz da outra. Depois de um novo encontro conseguiu pegar o telefone dela e marcaram de se ver. Na sacada do apartamento espaçoso de Dora, fizeram a letra e a melodia da primeira canção. No segundo encontro, ela deixou uma câmera gravando enquanto Lola cantava. Passaram-se meses sem que voltassem a se encontrar. Depois de muita insistência de Dora, marcaram ensaio no apartamento de Lola. No lugar com plantas, quadros e pequenos objetos por todos os lados, ela parecia sentir-se mais relaxada. Nesse dia, Dora lhe mostrou a gravação e ela se surpreendeu com sua atuação, mas não permitiu que ela postasse em rede social. Elas passaram a compor nos finais de semana e Lola foi mudando sua rotina de festas e bares e diminuindo as drogas.

– Já temos vinte músicas, vamos gravar um vídeo.

– Só se for sem postagem – disse Lola.

– Ok – concordou Dora.

Quando tinham material suficiente para lançarem numa plataforma digital, Dora postou o vídeo sem saber que Lola se internara na clínica de desintoxicação. Contaria sobre o número surpreendente de acessos na primeira visita.

Foto: Divulgação

* É formada em História. Participou de coletâneas de contos. Publicou a novela infantojuvenil “Irados na Tábua” e o livro de contos “Formas de Existir”.
Instagram: megrs02

MÃOS LIMPAS

SANDRA ELIANE RADIN *
Porto Alegre/RS

Foto: jamarattigan.com

Cartas embaralhadas, mãos da tarólogа no baralho, as da Marion sobrepostas as da primeira, de forma remota. Vela acessa, toalha de feltro verde, uma pedra ametista e uma do signo de Inaia, quartzo rosa, um carvão dentro de um copo d'água e um pequeno punhal embaixo da toalha. O coração de Marion acelerado, mãos geladas e um grande desejo a martelar em seu cérebro. A ansiedade lhe acompanhava desde o dia que marcou hora com a tarólogа Inaia. Precisava de um sinal, não aguentava mais viver ao lado de Ismael. Ele tinha que morrer. Ela o queria ver embaixo da terra.

Vinte e um anos de um casamento deteriorado. Discussões seguidas de maus tratos e agressões físicas diárias. Seu corpo tatuado por hematomas e cortes. Seu ódio só aumentava.Viver ao lado dele era insuportável. Ela o detestava. Pedia a Deus que a libertasse daquele martírio. Desejava que ele fosse atropelado por algum carro que, vez ou outra, passava levantando poeira na estrada que levava à sua casa. Seria fácil, ele estava sempre dentro de uma garrafa. Já não tinha hora para começar a beber. Sonhava com a morte do seu agressor com requintes de detalhes. Em seus devaneios, ela o matava. Sentiu-se poderosa. Senhora de si. Nunca mais voltaria a sentir aquele vazio. O frio em sua alma forra eliminado com o calor do ódio que a corria e ela fazia questão de nutrir para nunca esquecer do seu propósito.

A tarólogа abriu em leque as cartas sob a toalha verde e pediu que a consulente se concentrasse, fizesse a pergunta mentalmente e escolhesse três cartas. As cartas que saíram foram todas de arcanos maiores, nessa ordem: O Carro, O Mundo e Os Enamorados.

Confusa e ansiosa Marion perguntou o que essas cartas tinham a lhe dizer. As cartas sinalizavam a necessidade dela assumir o protagonismo da sua história. Os Enamorados a convocavam a exercer o livre arbítrio. Parece que tens medo e hesitas em buscar tua liberdade. Te vejo gravitando no sofrimento por não conseguir colocar limites nos outros. Tua vida esta anulada, dilacerada.Falou a tarólogа. Lágrimas molharam seu rosto. Ela tinha consciência que havia permitido que as coisas chegassem naquele ponto. Estava afogada no sofrimento, precisava emergir. Agir.

Intui, disse a tarólogа, que todas essas cartas devem ser analisadas no seu aspecto negativo. Retirou mais uma carta - Cavaleiro de Copas,

e concluiu: Tu terás o mundo aos teus pés, serás feliz, porém, terás que ser prática e colocar em ação teus desejos. Só depende de ti. Não esperes um solução dos céus. Estás a caminho de uma satisfação e, talvez, até de um novo amor. Essa é a carta do amante. Representa a água, as emoções. Tudo conspira ao teu favor. Finda um ciclo, o novo surge te garantindo o renascimento. Depois da roda girar não dá mais para voltar atrás e tampouco para arrependimentos. Todo pensamento adquire forma no universo. teu pensamento já esta plasmando isso. Tornando real. Vais continuar? Ainda podes desistir. Depois será tarde. Numa só voz Marion respondeu que estava convicta do que desejava.

Marion estudou com cuidado seu plano, modificou todos os pontos que julgou frágil e que poderiam fazer com que fosse indiciada por homicídio por motivo torpe - vingança -, e meio cruel. Havia pensado em matá-lo enquanto dormia e depois de queimar seu corpo jogaria as cinzas no rio. Mudou o plano, Não queria sujar suas mãos. Queria apenas abreviar sua jornada. Ele merecia isso.

Ela o odiava. Mais do que nunca almejava sua morte. Estava pronta para executar seu plano. Já havia semeando o terreno, o adubo havia funcionado. Tinha alimentado seus dois filhos homens com mensagens onde falava da sua preocupação com o pai deles que cada vez bebia mais. Sentia que ele seria vitima de uma cirrose, seria atropelado, se afogaria no rio que margeava a propriedade ou morreria picado por algum bicho pestilento Aliás havia visto uma cobra coral no jardim da casa e acreditava ter visto um ninho delas bem nas margens do rio, sob a raiz de uma árvore, onde pescava. Pediu que ele eliminasse o ninho, era perigoso. Ele riu dela. Estava aflita, falou. Perdia o sono. Teimoso, ele insistia em andar descalço e dizia não ser frouxo para ter medo de um rastejante qualquer. Não a escutava. Argumentou junto aos seus filhos que ele não a ouvia, estava cada vez pior.

Marion pesquisou na internet e descobriu que um dos alimentos da cobra coral era o peixe. Quando ele saia para pescar ela providenciava a branquinha (cachaça) e algo para comer, prolongando assim o tempo dele fora de casa e aumentando as chances do seu plano ter êxito. Se ela estivesse certa, seria questão de dias. Qualquer uma das situações lhe eram favoráveis. Moravam a cento e quarenta quilômetros do hospital onde faltava as medicações mais básicas. Imagina se vão ter o soro antielapídico, próprio para combater a picada desse réptil rastejante. E, se cair no rio…morre afogado.

Sua espera não tardou. Ele já sem poder parar em pé, trôpego, exalando cachaça gritou para a mulher pedindo que ela alcançasse a sua Vara de Pesca e uma garrafa de trago que iria para o rio. Sorrindo lhe entregou o que ele lhe pediu e alguns pedaços de peixe para ser usado como isca para pegar um peixão. Foi o que lhe disse, enigmática. Como Judas, lhe beijou a face.

Anoiteceu e ele não retornou. Ela serena como a tempos não se sentia. Tomou um banho demorado, vestiu a camisola do dia do seu casamento, pegou o celular, acessou o Spotify, colocou a Marcha Fúnebre de Frédéric Chopin e se despediu daquela vida que morreu junto com Ismael naquele fim de tarde na beira do rio, picado por uma pestilenta coral. Sabia que a luz que havia sido banida de sua vida, agora retornava com força total. Estava em perfeita conexão com a terra e com os céus.

*

* Mestre em Educação, estudiosa da Psicologia Analítica e da Mitologia Grega, foco no feminino. Autora dos livros físicos: “A Velha Sábia” e “Eu: atmosfera feminina e Acordes Sexuais da Ma-turid ade” em formato físico, e-book e diversas publicações em antologias.

Foto: Divulgação

Foto: jamarattigan.com

A CORRIDA – A LUTA

JAMES BERWALDT *

São Leopoldo / RS

Foi uma corrida e tanto. Minhas irmãs e irmãos corriam comigo, eram muitos, mas os venci. Cheguei no objetivo, perfurei a coroa radiada, passei pela zona pelúcida, pela membrana plasmática, mergulhei no citoplasma e parei no núcleo daquele ovócito secundário de forma esférica.

Aquele que corria, na verdade, não era eu, mas, metade de mim e também não corria, mas nadava, pois não tinha pernas. Era um gameta formado por cabeça de forma oval que carregava meu material genético, mitocôndrias que me davam energia e uma cauda longa para facilitar o deslocamento: a natação. Era apenas uma cobrinha microscópica.

Aquela metade de mim, unida a outra, me formou, meu nome era ovo e passamos, na verdade passei, pois agora, apesar da soma de um mais um, era somente um, a ser alimentado pelo sangue de minha mãe, aquele sangue que seria descartado pela menstruação caso não houvesse a fecundação. Iniciei a multiplicação de minhas células e, envolto pelas vilosidades cariônicas que permitiam a troca metabólica entre minha mãe e eu, fui crescendo dentro dela. O meu nome era feto. Formei órgãos e depois de nove meses, nasci. Nessa época meu nome era bebê e ainda precisava do alimento e cuidado de minha mãe.

Mais tarde, comecei, agora sim, a caminhar, pois tinha pernas e depois passei a correr como criança e a infância foi legal.

Na adolescência as coisas começaram a complicar, mas foi na fase adulta que tudo piorou. A corrida e a luta se intensificaram.

Adulto, agora sou assim, um gameta saído de mim encontrou outro ovócito de forma esférica.

A luta, a vida, a corrida, continua.

*

* Servidor público. Escreveu crônicas para jornal e é autor dos livros "Retorno aos Dezoito", "A Benzedeira" e "Febre Azul". Na sequência veio "É a Vida – Contos" e "James Borowski – Contos Desbocados". O mais recente é uma novela policial: "O Curioso Caso da Morte de Seu Francisco". Todos disponíveis em www.loja.uiclap.com e www.amazon.com.

Foto: Divulgação

MENINO DE BOTAS

Desde que o avô fora levado para o hospital, Pedrinho dormia de botas. Parecia estar preparado para algum passeio, antecipando o encontro com possíveis poças d'água ou coisa parecida.

- Não entendo esse menino... Por que insiste em dormir de botas? – falava o pai.

- Deixa ele. É o jeito que achou pra lidar com a situação. – defendia a mãe.

Pedrinho ouvia do quarto a conversa e se encolhia ainda mais na cama.

Ele não estava esperando o avô sair do hospital para darem seus passeios, andando na chuva, desviando da lama. Usava botas porque tinha medo...

E, lembrando do medo, puxava os pés embotinados ainda mais para baixo do cobertor.

Talvez assim a monstra não mordesse o seu dedão, como tinha feito com o pé de seu avô... Coisa estranha, essa tal de "diabretes"...

*

* Janice Nodari mora em Curitiba /PR É escritora e professora de literaturas de língua inglesa e tradução.

Foto: Divulgação

O PESO

Após a aula de Língua Portuguesa, a docente pediu ajuda para alguns alunos levarem os dicionários de volta à biblioteca. Durante o trajeto, um dos discentes comentou:

— Esses dicionários pesam!

A professora, pensativa disse:

— Agora você entende, o peso que as palavras possuem!

Foto: Divulgação

*

* Mayanna Velame é formada em Letras – Língua Portuguesa e vive em Manaus / AM. É autora do livro "Português Amoroso". Escreve contos, crônicas e poemas para blogs literários.

Por Brígida De Poli *

GERMINAL, O LIVRO QUE VIROU FILME

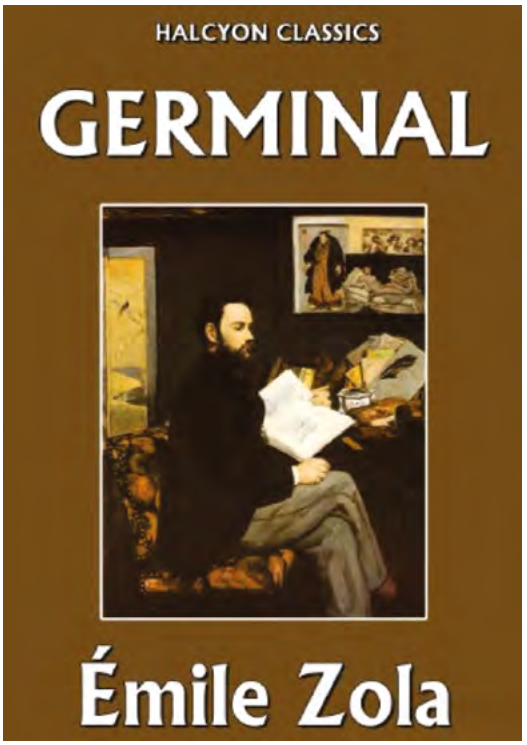


Foto: Divulgação

GERMINAL – ÉMILE ZOLA (primeira edição: 1885)

Li o livro do escritor francês ainda muito jovem e ele teve forte impacto sobre mim. Duro e objetivo, o texto leva o leitor a sentir na pele o cotidiano sofrido dos trabalhadores na metade do século XX: a falta de moradia digna, o frio, a promiscuidade e, principalmente, a fome, são retratados de forma realista. Não por acaso, Germinal é tido como a expressão máxima do naturalismo literário, afinal, para escrever o romance, Zola trabalhou em uma mina de carvão, onde aconteceu uma greve cruenta durante dois meses. Seu olhar é o de um repórter que retrata a vida política e social da época como poucos, mas humanizando os personagens afetados tragicamente pela miséria em suas relações amorosas, familiares e laços de amizade.

Zola foi o primeiro a retratar a luta de classes no momento de sua eclosão e o fato de tê-lo feito de dentro da história fez toda a diferença. Tocado por tudo o que viu e vivenciou, o autor abre uma fresta de esperança no final. O próprio título escolhido por ele joga uma luz sobre o conteúdo: Germinal é o nome do primeiro mês da primavera no calendário da Revolução Francesa. Ele está associado às sementes de uma nova estrutura social, onde mesmo que se arranquem os brotos das mudanças, eles sempre voltarão a germinar.

O romance já teve várias edições e é facilmente encontrado também em sebos de qualidade.

Foto: Divulgação

O FILME – direção: Claude Berri - 1993

A versão de Germinal para o cinema é bastante honesta com a obra de Zola nessa produção franco-ítalo-belga. O filme começa com o personagem Etienne Lantier, jovem desempregado que chega ao vilarejo em busca de emprego, não encontrando alternativa a não ser trabalhar na mina. Lá, ele conhece a dura realidade dos mineiros, tenta mobilizá-los para a luta política e também se apaixona pela jovem Maheude, interpretada por Miou-Miou. Mas, pode o amor florescer em

ambiente tão hostil? Etienne é vivido pelo cantor e ator Renaud. O nome mais conhecido do elenco é Gerard Depardieu, considerado o maior ator francês da história.

Nesses tempos de forte polarização política, há os que consideram a história demasiadamente panfletária e incita a luta de classes. O mais triste é que aquela realidade desumana ainda se reproduz em vários pontos do planeta. Com frequência vemos, por exemplo, denúncias de trabalho análogo à escravidão. Em pleno século XXI, continuam presentes os reflexos da luta feroz pela sobrevivência na vida familiar, nas amizades, nas relações com o outro.

O filme de Claude Berri foi indicado a vários prêmios César, o Oscar francês, mas acabou recebendo apenas Melhor Fotografia e Melhor Figurino, dois itens fundamentais para reproduzir o realismo visto nas telas para a história de Zola.

Nota-pé: Há uma minissérie de 2021, com seis episódios, baseada em Germinal, disponível na plataforma Globoplay. O romance de Zola, "Therese Raquin" (1873), também foi adaptado para o cinema várias vezes.

Foto: Divulgação

Sobre o autor

Foto: Divulgação

Se você me perguntar o que eu vim fazer neste mundo, eu lhe direi: eu vim para viver em voz alta. (E.Z.)

Émile Zola nasceu em dois de abril de 1840, em Paris. Ficou órfão de pai aos sete anos. Aos treze, já escrevia seus primeiros textos literários e, aos vinte, decidiu fazer faculdade de Direito, mas foi reprovado nos testes. Trabalhou nas docas e acabou enfrentando dificuldades financeiras até conseguir um emprego na editora Hachette. Em 1898, Zola, já um dos escritores mais populares da França, envolveu-se no polêmico caso Dreyfus. Publicou, no jornal L'Aurore, sua famosa carta, dirigida ao presidente da república, em defesa de Alfred Dreyfus (1859-1935), um oficial judeu condenado por traição. O documento levava o título: J'accuse...! (Eu acuso...!). Foi um escândalo e Émile Zola, devido às acusações feitas na carta, foi condenado à prisão pelas autoridades francesas. Ele fugiu para Londres, mas pode voltar um ano depois, quando Dreyfus foi absolvido.

Zola escreveu vinte e cinco livros, entre eles "Contos a Ninon" (1864), "O crime do padre Mouret" (1875), "A besta humana" (1890).

O escritor morreu em 29 de setembro de 1902, sufocado pela fumaça de sua lareira, gerando teorias de que teria sido assassinado.

Jornalista, cinéfila e seriemaníaca, assina as colunas "Crônicas" e "Cine&Séries" do Portal Making Of, autora do livro "As mulheres da minha vida"- crônicas.

Foto: Divulgação

Por Heidi Gisele Borges *

O MISTÉRIO DA DEMOLIÇÃO DE EDUARDO MARCHIORI

Foto: Divulgação

Quando li a sinopse de "O mistério da demolição" (Editora Viseu, 120 páginas, 2021), de Eduardo Marchiori,logo quis conhecer essa história, principalmente por remeter aos clássicos infantojuvenis da Coleção Vagalume. E que boa surpresa tive! Quero dividi-la com os leitores saudosistas e com aqueles que desejam apresentar bons livros para suas crianças.

Nessa história, temos um grupo de amigos formado por Aldo, Valdete, Sônia, Karen e Edgar. Os cinco, cada um com sua personalidade bem explorada, se unem para desvendar o estranho sumiço de crianças do bairro, pois parece que a polícia não está dando muita atenção aos casos. Lembrando que se passa na década de 1980, assim as coisas eram bem diferentes de hoje.

O autor se aprofundou bastante na época, pois era também a sua época de criança, com muitas aventuras, e ele conta que a inspiração para essa história veio dos seus amigos da época.

Bem, voltando à história, é sabido que a casa da demolição é o local usado para esconder as crianças sequestradas. Como os adultos parecem não se importar muito com o que está acontecendo, o grupo se coloca como detetives. Edgar já deixa claro que quer a fama! Quer ser reconhecido como herói, por isso não mede esforços.

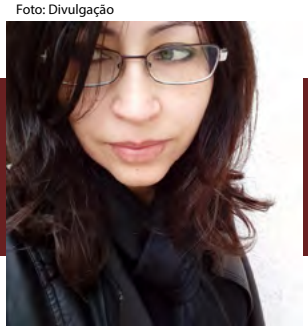
Como disse, a vida era diferente naquela época. Por exemplo, Edgar sai escondido à noite, sem medo, pois, apesar dos sequestros, não há outros perigos. Mesmo assim, os amigos tentam freá-lo um pouco.

Seguimos todas as pistas, curiosos para entender o que acontece. Esse é um livro repleto de referências da época e com muitas notas de rodapé – que eu adoro! – para contextualizar os leitores mais novos.

A história é toda uma homenagem ao grande escritor Marcos Rey e, no fim, Eduardo Marchiori explica tudo. Há, também, no fim do livro um suplemento bem bacana para que os professores possam trabalhar com os alunos a interpretação de texto.

Uma história divertida, nostálgica e recomendada para todas as idades.

Foto: Divulgação



* Autora dos livros juvenis O menino que perdeu a magia, Um segredo de Natal e Histórias de Fantasia, pela Editora Estronho, e de diversos contos de horror. Escreve resenhas também na revista Mestres do Terror e no site becodonunca.com.br.

COMO PUBLICAR NA REVISTA PARANHANA LITERÁRIO

Nosso objetivo é divulgar novos escritores/artistas e produções por meio de publicações bimestrais gratuitas. Os autores não receberão remuneração pela publicação de suas obras, pois a revista e/ou site não visam ganho comercial com a publicação.

A escolha das obras selecionadas será determinada pela comissão editorial.

A comissão editorial é constituída por pessoas com ampla formação em áreas voltadas ao conhecimento literário.

Somente podem participar pessoas com mais de 18 anos. Menores precisam encaminhar autorização assinada pelo responsável.

A revista poderá armazenar as obras selecionadas para uso em uma das duas edições subsequentes.

No ato do envio, o autor concorda em ceder os direitos de reprodução e divulgação da sua obra para a revista Paranhana Literário, exclusivamente para publicação na revista e divulgação desta.

A revista Paranhana Literário publicará a obra selecionada em apenas uma edição, em formato digital, também poderá usar nas redes socias de divulgação da revista, sempre respeitando o acordo de não lucrar sobre as obras publicadas.

O autor autoriza a revista Paranhana Literário a realizar correções gramaticais na obra, contanto que objetivem a correta utilização da língua portuguesa. Caso haja necessidade de alterações de conteúdo e/ou forma, um editor da revista entrará em contato para discuti-las.

O autor declara que sua obra é original e se responsabiliza por qualquer ação judicial que possa ser movida contra ele, isentando a revista Paranhana Literário e seus representantes de qualquer responsabilidade.

É vetada a utilização de personagens ou fatos reais que tipificam crimes contra a honra e os direitos humanos.

Serão aceitas somente produções originais. Releituras serão aceitas apenas se produzirem um resultado criativo e original.

Não há limite de quantas obras um mesmo autor pode enviar, no entanto, somente uma obra de cada autor será selecionada e publicada por edição.

A Revista Paranhana Literário não entrará em contato com autores informando se o texto foi ou não aceito ou por quais motivos algum texto não tenha sido aceito.

TAMANHO E FORMATO:

Os critérios primários de avaliação PARA CONTO, CRÔNICAS e POESIAS são: enredo (verossimilhança, coerência, objetividade, complexidade de trama e personagens), ritmo (coesão, parágrafos e períodos) e criatividade (originalidade, construção de mundo, imprevisibilidade). Os secundários são: adequação ao gênero proposto, foco narrativo, expressão, relevância, gramática, ortografia, reflexão, imersividade.

Os textos devem ser enviados em um único arquivo Word (.docx). O conteúdo de cada arquivo deve ter 1 página para POESIA, até 2 páginas para CRÔNICA e até 2 páginas para CONTO, com todas as margens de 2 cm, na fonte Times New Roman, em tamanho 12 e espaçamento de 1,5.

É necessário uma minibiografia do autor, com até 400 caracteres. Anexar links de contato de divulgação da sua obra (p. ex., Facebook, Instagram, Wattpad, portfólio, blog, Flickr, etc.) e locais de aquisição das obras (caso já tenham livros publicados).

Enviar junto foto do autor em boa qualidade (no mínimo 600 x 540 pixels).

Quer participar da
próxima edição?

ENTRE EM CONTATO:

editor@jm2d.com.br